

PEDRO NEVES MARQUES

O Processo de Integração



The Integration Process

ATLAS PROJECTOS
LISBOA, 2012

Um Fáustico Conto Numismático

9

Textos de Pedro Neves Marques
Revisão do Português por Miguel Ferrão e Gonçalo Gama Pinto
Revisão do Inglês por Sarah Demeuse
Composto em Berthold Garamond (Günter Gerhard Lange, 1972), Sabon
(Jan Tschichold, 1967), Adobe Garamond (Robert Slimbach, 1989), e
Garamond Premier Pro (Robert Slimbach, 2007)
Design por ATLAS Projectos
Impressão e acabamento por XXX, XXX, numa tiragem de 200 exemplares
Agradecimentos a André Guedes, Joshua Simon, Miguel Ferrão, Gonçalo
Gama Pinto, Sarah Demeuse, André Romão, Gonçalo Sena, Nuno da Luz,
Mauro Cerqueira, André Sousa e, em especial, Mariana Silva.

©©© 2012, licenciado sob Creative Commons Attribution-
NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported License. Excepto “Gutenberg
und die milliardenpresse” de Erich Schilling in *Simplicissimus*,
vol. 27, n° 33, 1922, p. 469; anúncio da Universidade de St. Gallen
como encontrado na brochura sobre os Programas Internacionais
de Mestrado, University of St. Gallen, Graduate School of Business,
Economics, Law and Social Sciences; fotografia de *Escolha* (André
Guedes, 2007), André Guedes; anúncio de Patek Philippe como
encontrado na contracapa da revista *The Economist*, Maio 23–29 2009,
Patek Philippe, da campanha *Generations*: Peter Lindbergh (fotógrafo),
Initiative Media (Agência de média), Leagas Delaney (Agência criativa).
Publicado por ATLAS Projectos
ISBN 978-989-97141-6-8
Impresso em Portugal



33

A Propósito de *Escolha*, André Guedes, 2007

59

A Vida Anónima de Patek Philippe

69

The Anonymous Life of Patek Philippe

85

On *Escolha*, André Guedes, 2007

101

Texts by Pedro Neves Marques

Portuguese proofreading by Miguel Ferrão and Gonçalo Gama Pinto

English proofreading by Sarah Demeuse

Set in Garamond Premier Pro (Robert Slimbach, 2007), Adobe

Garamond (Robert Slimbach, 1989), Sabon (Jan Tschichold, 1967),

Berthold Garamond (Günter Gerhard Lange, 1972)

Design by ATLAS Projectos

Printed and bound by XXX, XXX in a run of 200 copies

Acknowledgements to André Guedes, Joshua Simon, Miguel Ferrão, Gonçalo Gama Pinto, Sarah Demeuse, André Romão, Gonçalo Sena, Nuno da Luz, Mauro Cerqueira, André Sousa and, especially, Mariana Silva.

© 2012, licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported License. Except “Gutenberg und die milliardenpresse” by Erich Schilling in *Simplicissimus*, vol. 27, issue 33, 1922, p. 469; advertisement by the University of St. Gallen as found in the brochure for International Masters' Programmes, University of St. Gallen, Graduate School of Business, Economics, Law and Social Sciences Photo of *Escolha* (André Guedes, 2007), André Guedes; advertisement by Patek Philippe as found on the back cover of *The Economist* magazine, May 23rd–29th 2009, Patek Philippe, from the *Generations* campaign: Peter Lindbergh (photographer), Initiative Media (Media Agency), Leagas Delaney (Creative Agency).

Published by ATLAS Projectos

ISBN 978-989-97141-6-8

Printed in Portugal



111

A Numismatic Faustian Tale

135

Um Fáustico
Conto Numismático

Para Mariana Silva

Oriundos de regiões vizinhas, portados por peregrinos e migrantes precários, circulavam enfim os peculiares retângulos, desdobrando-se de mão em mão. Ainda que garantida a sua familiaridade, não haviam no entanto sido ainda aceites como objectos de troca económica, embora fosse evidente ser esse o seu propósito, e, mais evidente ainda, não tardarem em ser aceites por mais esta região. Enquanto cidadãos de um Estado menor, sentiam uma força impondo-se à sua cidadania, como se uma pressão atmosférica fora do comum se abatesse agora ou a qualquer momento mais sobre o seu quotidiano. Uma vaga de notas invadia o território. Desenhadas à mão, coloridas, com clares de sobreposição e filtros e tons cromáticos diluindo-se entre si, impressionavam certos exemplares, havia que reconhecê-lo – e muitos assim o reconheciam, fazendo do seu desejo o monopólio por vir: cores vivas (em vez de branco e preto); sobriedade no grafismo (trocada por virtuosismo). De entre estes estetas, era a minoria que se fazia ouvir, permanecendo os restantes na instrumentalidade de

um silêncio, introspectivos no epicentro de tamanha luta, de tão intenso processo de deliberação, os seus olhos reluzindo de imaginação e esplendor. A consequência era um furioso debate.

§

Haviam-se entretanto fechado as portas da fábrica, ainda que entreabertas para o acaso daqueles extraviados se fazerem aparecer, passeando-se em atraso do exterior, confundidos pela natureza daquelas horas extraordinárias. Destacavam-se no entanto alguns convidados notáveis, e pela sua ausência outros tantos trabalhadores de não menos notoriedade: certos agitadores de valor comprovado, se não vital, para tais ocasiões. Haviam principiado, nervosos ainda assim, “Devemos lutar por conteúdos, e só então pela forma,” falou um dos organizadores, destacando-se oblíqua e forçosamente ao cruzar o ajuntamento de média escala que havia-se ali reunido – não havia, no entanto, como ter a certeza de que fosse o melhor dos processos, nem mesmo o melhor dos encadeamentos mentais. A sua voz tentara um tom profundo que sobrevoasse todos aqueles presentes para logo ser devolvida de encontro à parede, ressoando num feito físico que poderia apenas contribuir para o fortalecer da exclamação, bem o sabia, mas fora precisamente essa a força o que lhe falhara a meio da frase. A frase sumiu-se. Respondeu somente a primeira fila, sobrepondo-se cacofónica ao orador, “Ah!” – acenavam literalmente no ar as folhas de papel. Era convivial o

momento, mas nem por isso menos grave. E no entanto, “... Espera, mas estes são algo diferentes dos exemplos anteriores, não?” retorquiu um para um mais próximo ainda, arrastado pelo ouvido à zona bocal, “Mas nota os azuis, nota os azuis, e os carvalhos que se repetem, e a madeira generalizada, são figuras que reaparecem continuamente, a intervalos regulares. Desejamos rever-nos mais.” E nisto todos concordavam. Uma vez filtradas por escrutínio oral, as propostas eram então anotadas num largo painel de vidro propositadamente colocado na vertical, enquanto outros, mais afastados, falavam entre si, ensurdecendo o interior da sala – o largo vidro contribuindo para a reverberação e representação confusa das palavras. No vidro, desenhavam-se rectângulos em pequena escala, preenchendo a superfície abusivamente até às extremidades com grotescas geometrias de pastel. Destes, uma minoria encontrava-se ainda em branco – uma transparência a ser experimentada por meio de discussão, ou por sugestão aprovada daqueles em atraso, conduzindo a um resultado final consensualmente definido, bem como a um conjunto proporcional de potenciais formas e conteúdos. Expunham-se figuras e abstracções, figuras abstractas e figuras de abstracção, algumas das quais acompanhadas em redor por notas escritas à mão, frases ou exigências e declarações, preenchendo descuidadamente a órbita dos rectângulos imaginários. Não muito distante, suspensas por alfinetes de ponta esférica pendia na parede uma selecção de notas estrangeiras, intrusas portanto.

§

Havia sido chamado a uma hora tardia. Enquanto tipógrafo sabia não ser suficiente permanecer na oficina, tão excêntrico era o período, mas antes necessária uma adequada aproximação à discussão, fazer-se colaborador, camarada até.

§

Distribuíam-se heterogêneos pelo restaurante, no mínimo três, quatro grupos substancialmente definidos, entenda-se: com o devido número para a criação de um ajuntamento assim considerado, seja por factores como localização, proximidade, ou acção. Próximos como se encontravam, ou desenformando-se na passagem daqueles isoladamente dispersos, as fronteiras entre cada grupo eram, no entanto, difusas. Estes eram, da entrada e no sentido dos ponteiros do relógio: aqueles agrupados em torno de mesas particularmente discursivas, fazendo circular exemplares de notas estrangeiras, as quais iam surgindo diariamente, ou casos raros de notas já produzidas localmente; aqueles dispersos por entre as restantes mesas, curiosos mas, por timidez ou dúvida, exteriores e não participando da discussão – devendo portanto este ser entendido como um grupo disperso, mas não menos relevante para a dinâmica geral do salão; aqueles ao balcão, prestes a ser acompanhados por outros acudindo à cafetaria com o sentimento de não serem suficientemente escutados e/ou representados – estes últimos constituindo assim um subgrupo temporário mas

fiel a si mesmo; e aqueles acabados de entrar no restaurante, aguardando ali por um instante com o Inverno aos ombros, inspeccionando a dinâmica geográfica do salão antes de avançar (sob a iluminação dos balões de vidro) directamente para o interior da discussão, logo se ramificando aleatoriamente pelos grupos minimamente definidos nas possibilidades deste parágrafo.

§

Agrupavam-se os trabalhadores com inesperada ordem, inspeccionando cuidadosamente as notas estrangeiras em exposição. De tempos a tempos, viravam-se com súbito interesse formulando comentários dirigidos à audiência que entretanto se reunira no interior da fábrica. Distribuíam ideias e possibilidades, enquanto outros, mais precisamente aqueles frente ao vidro, forçavam os desejos do proletariado à transparência do respectivo painel. A cada voto bem sucedido desenhava-se, ou escrevia-se, impetuosamente no vidro – uma terceira mão logo surgindo para terminar o desenho improvisado, um virtuoso, evidentemente.

§

Havia principiado como um encontro informal, mas entretanto havia-se o hábito expandido ao ponto de preencher diariamente o restaurante, como se transformado no amplo salão – daí a sua descrição enquanto tal – ao qual os proprietários haviam em tempos mais prósperos

ambicionado. Agora que os hábitos se haviam alterado e por força das circunstâncias crescido para lá de proporção – condição certamente justificada pelo tempo livre de desempregados e diletantes – o restaurante enchia-se não apenas com os habituais clientes de qualidade socialmente restrita, mas por igual com uma heterogeneidade de cidadãos prontos, ou no mínimo curiosos o suficiente, em se lançar na discussão dos assuntos contemporâneos, locais ou estrangeiros, bem como no julgamento diário de um objecto até então medianamente ignorado para lá do seu uso, isto é, do seu valor de troca. Haviam-se enfim consciencializado daquela materialidade, e subsequentemente alertado para a potencialidade dos seus detalhes. Não era, no entanto, coincidência: o local havia já sido, antes mesmo da crise, local de passagem, e enquanto tal o restaurante apresentava-se como o mais óbvio dos locais para a divagação em torno das notas que circulavam, tratasse esta divagação de exemplos estrangeiros, trazidos de outras cidades pelas mais variadas mãos e nos mais variados bolsos, ou de notas produzidas já localmente. Deste modo, o restaurante havia-se simplesmente aberto a outros, por necessidade mais do que por vontade própria – ainda que naqueles dias os sentimentos tendessem a se confundir – acolhendo agora, com o mesmo conforto, os mais diversos modelos e estereótipos. Com opinião assente no (bom) gosto, na tradição e num quê de futurismo divagavam infinitamente sobre a matéria comum. A comoção era tal que mesmo a equipa do restaurante havia-se deixado contagiar: preparavam já moeda própria, pelo menos o seu desenho,

ainda que por ora o mantivessem em segredo, inseguros do processo adequado à decisão – que assim fosse era apenas justo: independentemente do conforto, o restaurante era ainda a sua propriedade, e não dos convidados. Contra o que podiam intuir ser a vontade dos seus clientes, imaginavam um estilo Secessão Vienense ao invés de caricatura pitoresca ou Déco Francês. Sabiam bem como tal inclinação não seria bem recebida. Foi convocado o tipógrafo que assim logo o confirmou.

§

“O banco estatal, e mesmo o regional, decretou que é do nosso encargo, aqui, como podem ver da colecção que reunimos, tomar o controlo do nosso próprio tempo de produção, por qualquer meio ou fim necessário.” Etc... enquanto se deliciavam com as cores e novidades, mais do que com a urgência ou com o acaso que lhes havia cabido. Para o prazer de uns, algumas eram genuinamente satíricas, e tal, como sempre, satisfazia a multidão: um certo modo de crítica, por métodos até então impossíveis embora praticados já antes numa miríade de formas, amada pelo povo, distraindo o povo, mas estratégica para a burguesia. De modo que era partilhada a distinção, necessária para alguns, a fazer entre a multidão e a certeza de uma inesperada troca de papéis e intenções. Agora que se encontravam isolados, condensados e concentrados o suficiente, por assim dizer, na sua própria localidade, na sua própria e vivencial cidadania, deixando o Estado esvaziado algures,

inalcançável por um par de horas ou uma década, também a cidade esvaziava de cidadãos, embora cidadãos os houvesse, a cada dia tomando crescentemente as ruas, saindo confiantes dos cafés e tabernas, ocupando as fábricas e negócios locais, avançando até às tipografias e oficinas, ou àqueles casos particulares de indústria auto-sustentável equipada da mais avançada tecnologia de impressão e reprodução mecânica. De facto, nem mesmo o dispositivo regional fazia já grande sentido, agora que o próprio modelo de governação central se havia quebrado, as suas competências distribuídas. Evidentemente, era esperado um confronto, mas até ao momento o desmembrar havia seguido harmoniosamente o seu caminho. A colecção de notas reunida, exposta e espalhada pelos vários círculos regionais, testemunhava essa mesma sobreposição de esferas de poder até então distintas: entre notas autorizadas pelo Estado aos exemplos de decisão e aprovação regional, até, mesmo, uns degraus abaixo na hierarquia entretanto diluída, impressões ambigualmente autorizadas feitas ao nível do cidadão. Ainda assim, surgia a necessidade de um comentário, e este não tardou a ser clarificado, autoritário embora delicadamente, por uma voz rompendo directamente do interior da administração que se havia reunido na câmara local: o problema não era tanto a reprodução das formas, mas antes da produção das autoridades acima especificadas. Era, em paralelo, a consciência – palavra muito provavelmente mal usada – de que se a produção era competência de esferas de cidadania local, maioritariamente aquelas jurídicas, industriais e comerciais, era então uma

nova governação liberal que os unia. Estas eram: a câmara; as fábricas e oficinas; o pequeno comércio e a restauração.

§

Porque não a câmara? Confusos, distantes de qualquer local apropriado para deliberação, próximo da fronteira como se encontravam, na verdade ninguém os desejava, e ainda que tivessem já por inúmeras vezes trocado de posição, sentiam agora como se eles e esta parte do país (mas qual dos países na verdade?) existissem somente para cruzar intermitentemente a fronteira. Caso assim fosse, um fado diagnosticado tanto do exterior como do interior da sua própria comunidade, assumiriam então abertamente tamanho papel, transpirando-o discursivamente para os rectângulos que tomassem como seus. A decisão era, portanto: que país? que partilha? que fidelidade? e a quem ou a quê?

§

Chegavam nos mais diversos materiais e suportes, formas e dimensões. Seria drástica a decisão de qual o formato e suporte a tomar como seu. Era, no entanto, certo a compensação advir da singularidade – assim o sabiam alguns providentes, e estes moviam-se já discretamente. Poderiam produzir o suficiente, desenhar o suficiente, escolher diferentes tons e escolher personagens em demasia – da selecção com que os haviam servido – tudo significantes retirados à tradição ou à modernidade de um e outro lado

da fronteira. Tinham todo um conjunto de notas a produzir, em modo crescente: do mais baixo ao mais elevado poder de compra. Sabiam que nem mesmo o mais elevado lhes permitiria muito.

§

Haviam discutido ininterruptamente mas nem por isso tardaram em chegar a um certo consenso, facto que prontamente afastou o sussurro de vozes ainda discordantes. Dada a pequena escala da comunidade, tal consenso, e a velocidade com que o haviam alcançado, não havia surgido inesperadamente – aos olhos da governação, existia um pequeno conjunto de iconografias regionais das quais escolher. No entanto, embora um acordo iconográfico parecesse para já momentaneamente resolvido, não se poderia dizer o mesmo das declarações que as viriam a sublinhar. O que dizer, e, na verdade, a quem se dirigir? Quanto mais a produção ia desfazendo a hierarquia, mais se tornava evidente a necessidade de reconhecer a caricatura feita dos seus cidadãos. Não que se envergonhassem do facto, ou seja, do falhanço do retrato que, enquanto representantes políticos, faziam dos seus próprios cidadãos. Antes pelo contrário: quanto mais os cidadãos, indústrias e comércio tinham como garantidos os mecanismos para a autonomia da sua representação, mais evidente se tornava a incapacidade de uma representação única. Não sabiam de quem falavam nem por quem falavam. Não sabiam sequer, agora e cada vez mais, como gerir os espaços sociais a que

se haviam acostumado. Consequentemente, por entre a confusão que se havia instalado, eram lançados das extremidades os mais variados comentários e logo esquecidos, não sem um burburinho insuficiente para serem considerados reivindicação, enquanto outros tantos morriam antes mesmo de se expressar, repreendidos, renunciados e reclamados pelo eco e ressonância da sala: espectros invisíveis de ideologias declaradas, ditas, clamadas, para morrerem imersas, estas fluíam nos interstícios, por entre a acumulação, discretas, para logo renascer com um sentimento de familiaridade: um velho amigo perdido e retornado. A Cidade e o Estado.

§

Tomado das mãos de outro com uma força inimaginável para aqueles em redor. Ele próprio se surpreendeu. E no entanto, havia-o feito imbuído da mesma dose de fúria como de alívio – a confusão de sentimentos era o suficiente para justificar a singularidade do momento. Não se havia imaginado assim, a cidade representada de tal modo, aquela que considerava sua, de seus compatriotas, aquele restaurante. Quem poderia ter tido ideia tão absurda? Um impostor, uma mente confusa. Havia perdido a noção de quem fora mal esta se havia positivamente escutado do balcão, mais precisamente vindo de algumas filas para lá do sujeito de barba ruiva do qual se suspeitava, sem grande convicção, tê-la proclamado. Ainda assim, encontrava-se disposto a saltar-lhe em cima, algo que, prontamente, fez.

§

Caso reunida a produção local, teria um tom laranja-avermelhado a primazia. Verde-salada, seria o seu contraponto, encontrado aqui e ali, aleatória mas principalmente contrastado com um profundo roxo cinzento – tom opinado por alguns e para desconforto da maioria como de especial agrado para o olhar. Definitivamente, imprimiam-se retângulos num arco-íris de cores. Era evidente o desacordo quer entre as diferentes tipografias da região quer no interior do auto-retrato regional que se procurava obter. Entretanto, ia-se desmembrando a comunidade local, permitindo a imposição de uma facção nacionalista – ainda que incerta a qual dos países se havia de referir.

§

Decisões eram feitas e votadas a uma maioria. Havia puxado a sua voz a um volume alto o suficiente para se debater agora com a sua própria rouquidão, mas da sua parte havia empurrado em frente os seus votos, teimosamente e com maior eficácia a princípio, visto que estes começavam agora, dadas as condições físicas aqui explicadas, a perder terreno. Parte do conteúdo havia no entanto alcançado o vidro, permanecendo ainda ali. Encontrava-se satisfeito, na esperança de que este aguentasse um pouco mais, competindo na hierarquia de exclusão que começava agora a tomar forma. Como tal, procurava intimidar aqueles necessários, exercendo a sua influência de ouvido em

ouvido. A voz poderia falhar-lhe, mas não a vontade. De facto, agora que a reunião começava a esmorecer, era necessária uma outra estratégia que compensasse a sua temporária debilidade física.

§

A um canto, forçando-se ao bar, sentia-se vencido, apagado da imagem que havia criado para si mesmo, e para os outros por igual. Nada permanecia da sua contribuição. Era um cidadão, murmurou ele para o agrado irónico de um ouvinte, com os seus direitos e as suas obrigações. Havia decidido aparecer ao ver os folhetos – também estes seriam agora dinheiro, multiplicando assim a sua função e utilidade, acumulando mensagens como se de um caleidoscópio se tratasse – um filho do Estado, havia até falado acima da sua típica timidez, e para quê? Havia perdido a sua representação, mas mais importantemente, algo de mais profundo e somente seu que não sabia como expressar, sentindo no melhor dos casos pertencer à sua personalidade apenas, à sua vontade. Alcançou por fim o balcão, psicologicamente curvado e, evidentemente (para aqueles em redor), fazendo por silenciar as ondas sonoras no interior do restaurante – multiplicavam-se as gargalhadas e berros por justificação dos espelhos e vidros – para logo ser consolado. “Porquê a preocupação, haverão ainda outros tantos encontros por vir, fala-se já de uma sequela, de facto começam a tornar-se habituais. E as escolhas que se fazem, estas não perdurarão, dizem eles, e quem somos

nós para os desacreditar? A cada encontro a multidão diminuirá, reduzindo-se àqueles confiantes o suficiente em fazer passar as suas perspectivas, e então, nesse momento, caso assim o deseje, terá a sua oportunidade. Em qualquer caso, há sempre a possibilidade de disfarce, de operário, de seguir discretamente às fábricas.” Mas não o escutou, embora fosse evidente como falava com, ou antes fosse falado por, um homem perspicaz.

§

Teriam eles, por entre aquela comoção tempestuosa, perdido a noção da diferença entre conteúdo, grafismo, forma e aquele detalhe mais que prático do suporte material? Não. A indústria local exercia a sua influência, sem grande esforço no entanto, dada a certeza do monopólio da produção regional, importações e exportações, extracção de matéria-prima e organização da força proletária. Haviam-se encontrado de antemão e decidido por papel e tecido. Na eventualidade da troca de fronteira, alumínio seria uma terceira óbvia solução.

§

Com violência automática, bombeavam as máquinas as suas propostas. Havia recebido cinco clientes num dia, três dos quais rompendo pela porta da tipografia ansiosos por resultados e outros dois exigindo os seus serviços ou no mínimo por um teste de cor que assinalasse a qualidade

da oficina. De modo que, entre a fúria sonora das máquinas e a dissolução entre espaço público e privado, o seu humor tivesse rapidamente tomado a forma de uma irritação. Ainda assim, encontrava-se satisfeito, as impressões saíam mais limpas e precisas do que seria esperado. A equipa limpava e empilhava exemplares, enquanto calibrava a máquina com brutas mãos sujas a cada espasmo involuntário. Que assim fosse exemplificava um profundo profissionalismo, certamente a ser comentado, bem como uma simbiose ainda mais profunda entre os seus funcionários e a maquinaria. Havia duvidado, a princípio, senão de imediato, daquela composição em particular: demasiado solta, informe, sem composição ou esqueleto, com manchas de cor certas de borrar e sujar as restantes, tal como as fronteiras que haviam já por demasiadas vezes alternado a localização da sua própria tipografia entre uma pátria e outra, contribuindo assim para a já referida irritação. A culpa do grafismo havia, no entanto, sido sua – ainda que a responsabilidade pudesse ser desculpada com a vertigem de todos aqueles pedidos. Para mais, havia confiado na qualidade de um exemplar externo, oferecido pelo cliente como modelo para o estilo desejado, e enquanto tal de pouca confiança, bem o sabia, mas o entusiasmo havia então tomado posse da sua vontade, comandado o seu juízo, aliando-se a isto um excesso de confiança na sua maquinaria e funcionários como capazes da semelhança. Receava agora ter arriscado. Em qualquer caso, amontoavam-se os caixotes, preenchidos até ao topo com notas impressas, para logo serem empilhados a um canto e, mais tarde, exibidas as notas, sem

restrição, a cada respectivo cliente – cliente que sabiam, neste caso, incorporar o todo da comunidade, ou ser, no mínimo, uma amostra substancialmente relevante da região. Aquela série havia-lhes garantido a continuidade da produção de outras tantas, era certo, e entre a gerência da tipografia e o humor que fazia por afastar, tal era mais do que se poderia dizer das tipografias circundantes.

§

Haviam reduzido enfim as possibilidades através de uma votação simultaneamente inclusiva e exclusiva de outras tantas possibilidades iconográficas. Evidentemente, aqueles mais próximos aguardavam ansiosamente pelos resultados finais (ainda que temporários), para logo seguir aos tipógrafos da própria fábrica, e não muito depois, à medida que as notas se fossem compondo, analisar cores, formas, esquadria, toque. Pelos lados debatiam grupos soltos, enquanto outros deambulavam, intervindo aqui e ali, bebendo felizes ao chão com a ênfase do encontro: uma noite a ser lembrada e logo esquecida na repetição da deliberação necessária à confusão desses anos precários.

§

Uma discussão sobre artistas ao invés de sobre arte. Havia-o sentido ao longo do encontro, não solta, não circulando livre e abertamente discutida pela sala do restaurante, mas antes emanando, pulsando ginasticamente, a momentos

mais encriptados que outros, entre núcleos de conversa posicionados descuidadamente aqui e ali. Contra a precariedade é fundamental o planeamento do futuro, ao invés de esvaziar o presente com o prosseguir (obsessivo) do passado. Havia lucro a obter, senão mesmo visibilidade, e para tal era necessário optar cuidadosamente entre artesãos e tipografias, com igual consideração pelas dinâmicas locais como pela totalidade do cenário, considerações nas quais haviam já pensado, compondo no entretanto uma curta lista a ser referida. De facto, haviam-na pensado antes mesmo de entrar pelas portas do restaurante – excepção feita a ligeiros arranjos a fazer depois. Não o haviam feito segredo, ocultado ou diminuído a conversa a sussurros quando no interior: era do interesse de todos, assim pensavam, como exige a moral e propõe a liderança – juízo, democracia e representação despreocupadamente sobrepostos. Que assim fosse, na verdade, de pouco importava. Naquele momento, ansiavam todos por igual as perspectivas de receitas por vir.

§

Quatro crianças repreendidas quando encontradas as notas dobradas nos seus bolsos esfarrapados. Uma nota: eis o objecto da economia, o que não faz desta a economia. Dizer apenas um dos seus objectos será suficiente para a insuficiência pela qual testemunha. Era esta a matéria, encontravam-se enfim. Aquele companheiro constante de transacção, fazendo da sua ausência sensação e da sua

presença desinteresse por qualquer ideologia: Socialismo; Marxismo; Capitalismo; Modernismo – quem alguma vez olhara devidamente aqueles rectângulos? E no entanto, quando frescas as notas, a tinta ainda húmida nos dedos, uma vez retiradas da prensa, quão estranha a representação das outras imagens por comparação. Imagens antes tão discretas, obviamente externas, apagavam-se agora. Não de uma outra terra, mas de um outro tempo, de uma mente distinta, de uma outra psicologia, e ainda assim a mesma promessa ou regime de ideação.

§

Pelo que valiam, as notas ali penduradas compunham uma bela colecção.

§

“Qual a quantidade a imprimir?”

“Que quer ele dizer?” “Temos muitas, mais do que seria desejado! Vejam-me aqueles zeros!”

Uma larga gargalhada serpenteou gorgolejando o ajuntamento de bocas como se de um dragão Chinês se tratasse.

“E é certo escalar...”

É ainda possível ver a cauda, ou perde-se já de vista a cabeça flamejante?

“Não falo dos números! A quantidade!”

“Que diz ele?”

“Os dígitos, os dígitos!”

“Nada disso! A produção! Esta série! O que desejam? Quantas são necessárias?”

§

De tempos a tempos, e quando propício, imprimiremos escassas edições, discretamente desenhadas discretamente produzidas por entre a torrencial imensidão de outras. Circularão despercebidas, esquecidas em vida e mais ainda depois – dada a fugacidade do seu auge. Assim eram os pensamentos partilhados, secretamente a princípio e logo perdidos na comunicação – como se bolhas de sabão explodindo, humedecendo todos em redor, “Ah, não víamos, não escutávamos, usaram sabão em demasia. Deparei-me contigo com uma folha de papel na mão!” De amplas congregações a uma compreensão detalhada da especulação, apercebiam-se uns da mecânica da estranha colecção, outros o ritmo oculto da sua própria comunidade. E no entanto, a quem prescrever tamanha perspicácia? Confusos: caso não fosse a qualidade de artesãos, tê-lo-ia então sido de uma pequena elite burguesa? As tipografias produziam espaçadamente, atentas e conscientes de como a necessidade de abstracção depressa toma a forma de bens elevados à condição de uma assinatura.

§

Vieram como as marés e como as marés se foram.

§

Não tardou em que tomasse forma uma discussão sobre singularidade, argumentaram, mas por onde principiar o pensamento? Nem um não estava curioso, nem um não ambicionava saber. No número, mais particularmente na rarefacção de uma série em particular? Ou na excentricidade do retrato e da história narrada? Na técnica até? Seria a causa o traço de uma humanidade, voluntária ou involuntariamente, demonstrada? Os seus defeitos? Não. A causa era a sincera transparência do seu cinismo.

§

A sala encontrava-se preenchida por contribuidores de boa vontade, desorganizados e desejosos o suficiente em expressar as suas sugestões, com o tipógrafo sentado à mesa e dois assistentes pelos lados para apoio moral – era evidente a necessidade. Para mais, erguiam-se e baixavam-se tão repetidamente dos assentos, dobrando-se sobre o tampo da mesa a cada pedido ou demonstração (entenda-se: justificação), os seus joelhos rangendo ao ponto de uma expressão austera, as suas cabeças desconsoladas, a agitação fazia todos ali presentes ceder perante a força de uma tontura. “Deviam ter-se organizado de antemão,” diria ele para os assistentes mais tarde, embora o pensasse já naquele momento, expulsando do escritório à rua a sua própria comunidade, para não dizer os seus habituais clientes, ou, apressando-se dementes esses recém-devotos à arte e a tudo

artístico, lançados à porta da tipografia mais próxima. Era tal a confusão que haviam já perdido a noção de quais os exemplares estrangeiros, quais as propostas das tipografias vizinhas, e quais os grafismos de facto desejados. Poderia a população, ou pelo menos parcelas da comunidade local, conduzida como era pelo desejo de surpresa e por distintos modelos de representação, reservar-se de uma vez por todas a uma única tipografia em vez de mudar constantemente de ideias e oficinas? Nem mesmo conseguiam já afirmar segura e prontamente qual a correspondência entre cada desenho e iconografia, narrativa, herói ou cor local; muito menos a articulação entre cada pedido e a secção da sociedade, fábrica, restaurante ou governação que o havia encomendado. Encontravam-se já os pedidos de tal modo trocados que, por ora, nada mais restava senão confiar na sorte para que se cumprisse o profissionalismo do serviço. Enquanto produtores, confessavam-no entre si, já nada sentiam pela produção, já em nada se identificavam com a constelação de representações que haviam desenhado, não tinham qualquer interesse pelo lugar que ocupavam na sociedade para a qual produziam. E no entanto, teriam eles perdido a noção da singularidade que ocupavam, ou de igual modo, da singularidade da sua produção? A impressão prosseguia, mas sabiam-no agora, imprimiriam menos, certos de que a seu tempo seriam procurados pela excentricidade da sua manufactura mais do que pela rapidez do seu serviço. Igualava assim o descontentamento a vontade dos escassos.

§

“Mais próximo.” Segurava um rectângulo nas mãos, exibindo-o sob a iluminação que vinha dos balões de vidro. “Ah!”, “Que coisa feia de se dizer! Temos permissão para falar assim?” / “Quem diz que não!” retorquiu um substituto, “É necessário inventar a nossa própria linguagem.” / “É destronar o...” / “Preferia antes escolher pelo diletante, tem um sabor mais Francês...” Somos iguais não porque escolhemos juntos, mas porque julgamos juntos para lá de qualquer hierarquia. “Soa bem, podemos usá-lo?” Olhava atentamente a grelha oculta no interior daquele espécime rectangular, os olhos inebriados pela mistura do roxo e verde, “... É demasiado ácido, podes afastá-lo se faz favor?” / “Que dizes? Tu, aí atrás...” / “Vejam esta, veio de longe, certamente que do outro lado da fronteira. Apesar da diferença no folclore tem o mesmo espírito que ambicionamos.” Sentia-se inseguro, teria alguém roubado já aquela misteriosa nota? Sorriram com os dentes rasgados na horizontal. “Perturba-me em particular o bigode, podemos tê-lo mais forte, aloirado? Um verdadeiro Tell?”, “Isso é já responsabilidade do artista, terá de se juntar àqueles a caminho da tipografia. Cá por mim, limito-me a tirar apontamentos, só isso, bigode ou sem bigode?”, “Aloirado, por favor.” E com barba.

O Processo de Integração.
O Processo de Integração.

Entre a homogeneização do trabalho e a produção de uma imagem de marca, não temos qualquer interesse nas possibilidades da primeira. Viamo-la, e é essa ainda a nossa visão, como os últimos vestígios de uma economia moderna: exacta, sólida, mas certa de, mais cedo do que esperado, decair e desaparecer – isto não sem um empurrão da nossa parte. É evidente o nosso orgulho, uma certa arrogância, mas que assim seja é uma falha justificada pela certeza de que a nossa educação é a melhor, e, reciprocamente, para os melhores. Falamos para o presente como se para o futuro, numa linguagem de especulação: uma linguagem, por ora, estranha, mas que, quando trocada a dialéctica por um mapeamento dos múltiplos, e a linearidade dos processos pela inconstância das expectativas, rapidamente cessará de o ser. Qual a real, ou virtual, extensão deste universalismo é um tópico constante em aula, e é algo que estamos empenhados em resolver. Alguns insistem ainda em ver na sua tradução uma imagem dos muitos, cada qual

na especificidade do seu trabalho (e em trabalho), das partes ao equilíbrio do todo: um holismo modernista, tão próximo quanto distinto da sistematização na qual nos focamos – conhecemos bem as teses de *Holismo e Evolução* de Jan Smuts; a nossa própria genealogia; e quais as palavras, nomenclatura e conceitos a usar. Como tal, a nossa falha (enquanto excesso de orgulho), isto é, a nossa arrogância, deve ser considerada como menor quando contrastada com a contribuição que, literalmente, promovemos. Um desvio da historicidade pela procura da história ela mesma. No que respeita a construção de um imagem de marca, vemos o caso não como obediência, mas antes como o lugar a partir do qual toda a subjectivação se principia.

*

O livro pousado sobre a mesa. Enfrentamo-lo em grupos de leitura, traduzindo-o da contracapa à capa como se num exercício de especulação invertida. ECO·LO·GIA. Como prometido, sentimos uma estranha vibração. Incrédulos, um som emana e logo nos distanciamos, inseguros do seu potencial e credibilidade. Ainda assim, habituamo-nos – convencidos pela lógica que lhe é inerente e a familiaridade do seu prefixo. Saímos para uma caminhada e ao voltar é uma estrutura diferente: não mais um edifício, mas não necessariamente uma paisagem. Agora as paredes são vidro, e ao movermo-nos fazemo-lo entre o reflexo e a transparência. A esta mudança

chamamos: o Processo de Integração. Calculámos lucros e comparámo-los com estimativas de custo. Obtivemos o que só pode ser entendido como resultados satisfatórios.

*
* *

Ao operarmos o aparato de fotocópias, as mãos manchadas pela sujidade do toner, apressamo-nos pela informação recolhida durante a semana, saltando de pensamento em pensamento, como se passando páginas mentalmente, adicionando números, equacionando hipóteses. Lemos ecologia e cibernética, e ainda que tendo começado pela vertente biológica e energética da primeira não tarda que a articulemos com os princípios da segunda – Norbert Wiener com John Phillipson – antes de passarmos, como se em movimento centrífugo, à generalização do pensamento sistémico e aos sistemas vivos. Uma abstracção pouco esperada, ainda que não no conteúdo, mas antes surpresos pela genealogia do método de gestão (uma forma abstracta ou uma forma de abstracção), método tão prático (para nós) no caso dos modelos dinâmicos de Jay Forrester. Ainda que dispensando o radicalismo de uns e o espiritualismo de outros, ali, entre os restantes, mas sonolento sob a sombra que as montanhas abatem agora sobre o instituto, devaneio e, por estranho que soe, transubstancio-me – na verdade, ainda que o estranhe a princípio, de estranho pouco tem o acto de transubstanciação, dado que, de facto, como

não tardarei em compreender, a transubstanciação é uma ferramenta, e não apenas uma ocasião. Confortado pela companhia e a certeza de que me compreenderão, caso o expresse, sei não me encontrar a sós, temendo no entanto admitir a incerteza das vibrações etéreas que me o confirmam, como estou certo confirmarem aos outros. Um olhar em redor e olham-me de volta, vagamente vazios. Não consigo ainda, para já, compreender a lógica, nem eles, ainda que ali se encontre, de certo, a certeza de uma lógica, meio quebrada, mas garantidamente meia, entre a verificação e a intuição de uma espacialidade reconhecida, alcançando mais do que a extensão de um braço, uma dobra, continuamente, sem fim, em secções, daí a dificuldade. Como sair de uma aproximação holística, sem perder a sua componente de integração? Gestão é cartografia. Viagem no tempo. Invocação. Um chamamento. Para retirar a economia do interior da racionalização. Foi, a princípio, uma tarefa árdua. Agora modelamos diagramas, enquanto fazemos uma (dia) gramática de modelos.

*
* * *
* * *

Pesquisamos na biblioteca pelo momentaneamente necessário, e ainda que as secções dedicadas a ambientalismo e à concepção moderna da natureza [naturalização] sejam surpreendentemente mais abundantes do que seria esperado, são escassas as publicações que elaborem a

perspectiva social, cultural e política da expressão ecológica. Até que tal mude, teremos de esperar que outros campos de conhecimento, a sociologia em particular, se cruzem com o nosso, de modo que por ora, podemos somente ser futurologistas e prever o cruzamento entre campos distintos de (trans-) conhecimento e crítica; entre gestão curatorial, ontogénese individual e o *prosumismo* activo que há-de vir. Estamos, no entanto, cansados de esperar. Como se algo aqui se encontrasse ausente, encoberto por uma neblina, no horizonte mas, no fundo, somos tão jovens quanto a técnica – um laboratório em expansão. Como resposta, iniciou-se já o processo para um encontro a ser, sem dúvida, substancial. Para lá do oceano, prevêem-se, e medem-se já, as consequências.

*
* * *
* * * *
* * * *

Suscitado o interesse por Ilya Prigogine, logo se terá movido o instituto à velocidade de uma necessária e adequada recomposição. Se confuso a princípio, ao fim do dia já a adrenalina terá percorrido todos aqueles felizes o suficiente por terem presenciado a palestra. Contagiosas, escutar-se-ão vozes como se absurdas. O entusiasmo será tal que, de facto, mal recordaremos Bertalanffy ou Wiener. Prigogine oferecer-nos-á um outro modo de processar os fluxos e os *feedbacks*, entre sinapses e acções, ao romper com a demasiado familiar, demasiado

tendenciosa inclinação de perceber e procurar por uma qualquer harmonia ecosistémica, num processo similar ao de Forrester, trocando-a, não por mera vontade ou predisposição mas por verificação e extrapolação termodinâmica, por aquela noção a princípio cifrada, mas logo clarividente, de autopoiesis vinda do caos. E, no entanto, não será esta mesma possibilidade caótica, da criação de oportunidades no interior de uma suposta predestinação, atracção ou proximidade, decadência gradual ou plena destruição, fénix sinapticamente de volta, implodimo-nos tão depressa quanto nos recompomos a um empreendedorismo (aparentemente) saudável outra vez, igualmente familiar? Tudo isto nos interstícios de uma constelação de corpos aparentemente híbridos, mas departamentais na forma, os quais não reconhecíamos como autónomos antes, embora já então os sentíssemos ciclicamente em auto-regulação. Passarão os anos e nem por isso esmorecerá o argumento: uma tendência para a estabilidade contra o movimento centrífugo do capitalismo criativo, lançando a produção em queda livre e os mercados em tensão (mas continuamente produtivos por justificação da tendência). Mas por hoje apenas, permaneceremos apesar de exaustos satisfeitos, seguindo cada qual ao seu respectivo dormitório erotizado a um nível até então inimaginável.



A escolha, e análise (psico-sócio-cultural-e-económica), de uma situação exemplarmente autopoietica ou, se possível, e por algum motivo a princípio para lá da nossa compreensão imediata, por meio de um dado evento histórico. Um exercício subtil de inclinação ou tendência histórica, o qual mal esperávamos ou havíamos desejado, mas o qual tornava tudo, por fim, mais concreto, e talvez por isso mesmo mais temeroso, ironicamente mais incerto, trémulo, no seu, isto é, no nosso agenciamento. A gestão da história social, como se o resultado de um simples processo da imaginação ou da vontade, de dobras e torções no tempo, um borbulhar envolvente, de outros factos, conhecimento, ou antes, no reconhecimento de como e por que canais se opera e é operada tamanha gestão, as conexões do tempo no espaço. Ou antes, e simplesmente, um exercício especulativo. De modo que, como forma de projectar a discussão antes mesmo desta principiar, vai e vem uma bola de borracha contra a parede do quarto – ritual característico: a transformação de uma bola, quase uma esponja para ser correcto, pela imaginação e virtualidade, em pedra, ou qualquer outra substância; mais, o essencial sendo a predição de quando e por que exactidão de meios se poderá dar tamanha transformação. Não antes de um bom cacau quente Suíço, apanhamos o autocarro

e seguimos para fora da cidade. Fazem-no melhor em Espanha, e como tal seguimos na procura de bens importados, “¡Hola!”, ela não é espanhola e nós definitivamente não tão ingénuos. Decidimo-nos por uma segunda via, demorando assim um pouco mais, mas nem por isso deixando de subir a um isolamento exclusivamente Suíço. Conseguimos avistar o lago Constança de subida pelo canto do olho, enquanto se aproximam, distantes mas ameaçadoras, as nuvens, certos animais, supomos, senão pássaros pelos pássaros eles clamam, voam como se gafanhotos perdidos dançando selvaticamente em grupo – esforçamo-nos por não lhes projectar uma fórmula modelar. Falhamos. Alcançado o topo, tiramos enfim o tempo necessário a uma clareza de espírito. O vento sopra gélido mas húmido (de onde e para onde, invés de o quê e como?). Escassez, crise económica, uma queda sem dúvida, uma doença que se espalhe ininterruptamente na sua reprodução, mas porque não a organização aleatória da lotaria ou a possibilidade de congregação social? Suspensão, esforçando-se por partir um ramo já meio quebrado ele cai enfim e sugere ‘68. Mas tal é ainda demasiado próximo, demasiado intenso. E todos concordamos em deixar considerações qualitativas fora da equação. Ele aproxima-se, acelera e tenta uma segunda vez, trocando simplesmente de exemplo com um rodopio histórico na forma da tomada da Bastilha. Mas tal é puro acaso. Porque não o todo da Revolução Francesa, do Terror à coração de Bonaparte? Não funcionará... Mas em contraponto: porque não

o próprio modelo ecológico, o ambientalismo para ser mais correcto, o próprio modelo de preservação? “Preferiria não enveredar pela radicalismo de políticas de esquerda ou direita,” sugerem outros... E assim passam as restantes horas de um curto dia em albergue próximo; discutimos possibilidades e vertentes históricas, tendências sociológicas, enquanto nos protegemos do frio que já vai caindo, em avanço do caminho de volta. De volta ao cacau quente com memórias de outrora. “Vamos?” E assim seguimos pela montanha, esforçando-nos, ou pelo menos tentando pensar uma arqueologia para lá da exaustão das nossas mentes. Agora que vieram ferozes e mais ferozmente se foram as nuvens, iluminam-se as luzes amareladas no vale: Constança reflectindo aleatoriamente a iluminação nocturna. Ao descer, observo um enquanto sou observado por outro, a sua face exaustivamente compressa contra o vidro e uma noite extinta, enquanto o vale nos engole como se uma boca húmida. Quando de volta à universidade cai já o orvalho, desliza a gravilha. Não há algum, ou entidade. Ainda assim, seguimos cada qual para o seu respectivo quarto num temor de banalidade, frustração e desinteresse. Do vazio à realidade, pela noite ascendo sobre a cama levitando na horizontal enquanto explode intensa de ideias a minha cabeça. Sei que, cada qual no seu respectivo quarto, também eles fazem o mesmo.



Política universitária. Foi cedida nova obra de arte ao campus, embora ainda não seja certo onde será colocada. Evidentemente, a direcção procura depositá-la onde não perturbe em demasia, mas onde ainda assim seja visível o suficiente para inspirar a ostentação. É um Lothar Baumgarten – assim refere um colega alemão que parece conhecer o autor, ou assim diz que é um Lothar Baumgarten e nós confiamos; pouco sabendo de artes visuais escutamos a justificação do entendimento entre a política da escola e as pretensões do autor. Encontramo-nos agora na biblioteca, a minha mão em fusão exausta com o meu rosto virado na direcção do Gerhard Richter que ocupará um dia a entrada. Embora Richter não o saiba ainda, dar-lhe-á o título de *Illusions*. Em movimento, cobrirá a totalidade bruta da parede cimentada, sendo ali, no entanto, quase imperceptível – disfarçada por borrões de vermelho e laranja e castanho cobre arrastado, enferrujando com o próprio edifício mas veloz o suficiente para nos lembrar do caos e das possibilidades do acaso. Planificados, cedemos como se hipnotizados ao seu interior. Escuto um murmúrio. Aproveito a oportunidade para me concentrar.



Chegamos na viragem do primeiro para o segundo modelo de gestão de St. Gallen, quando a tríade de condições proposta por Hans Ulrich vai já sendo enformada pelas contribuições de um novo director. Bleicher encontrava-se, muito possivelmente, no escritório, a escrever o segundo tomo do programa. Dizia-se, para aqueles que já o haviam lido, que não comprometia em nada a aproximação de Hans Ulrich; que, pelo contrário, a abria compreensivamente a uma harmonização das partes, entre actividades e intenções, objectivos e sucessos. Escutamo-lo no auditório – antes mesmo de novo voo; de novo departamento universitário; de novos dez minutos dedicados a perguntas e respostas. Apesar de exausto, encontrava-se confiante (de um legado impellido em frente) e, confrontados com tamanha transparência, mais mesmo que intelecto, não nos envergonhámos de ser pupilos do anfitrião no qual havíamos investido. Não se tratava apenas da extensão e revolução das coisas (n)elas mesmas (e com outras), nem, para mais, das expectativas no interior de cada expressão e recepção no social, em cada troca sistémica no plano cultural e laboral, em cada devolução mas, com igual importância, era a sua orientação processual o que impressionava. O programa permitia assim, consideradas as suas

particularidades, ser julgado como uma óbvia melhoria no currículo. No entanto, até mesmo as revoluções se tornam óbvias quando compreendidas as perspectivas da sua mecânica e elos internos. Cheque algum vem devolvido em branco. Este associa-se sempre a algo, um partido, uma inteligência, um cinismo, uma ingenuidade, um bloqueio ou um desenho de fuga. E caso se opte por assaltar o banco? Conseguíamos intuir o que aí haveria de vir: tensão ecológica. É certo que éramos obrigados a compreender uma ética de padrões normativos na inclusão de todos os possíveis accionistas, e claro que éramos obrigados a investigar, tanto quanto instigar na verdade, processos sociais. Não se tratava de uma mascarada ou do conhecimento privado de uma linguagem familiar a alguns apenas. Também outros, noutros sectores, forçavam o conhecimento; tinham as mãos em algo e algo na manga, se necessário. Não nos interpretem mal, para ser sincero, é certo, havia algo de desconfortável na viragem interpretativa do entendimento da gestão enquanto “o desenho, controlo e desenvolvimento de instituições sociais orientadas por um objectivo”. Mas isso foi mais tarde e seguiu apenas a lógica dos estudos culturais e da pesquisa científica. Quando por fim estes anos de guerra fria tiverem passado (como passaram já), velhos hábitos de certo continuarão, e a confusão entre verificação, facilitação e controlo alcançará, então, tanto as suas metodologias mais profissionalmente refinadas quanto as mais amadoras das elaborações híbridas de todos aqueles interessados numa gestão não profissionalizada. De

facto, a profissionalização e o amadorismo alcançarão um nível extremo de indistinção. Somos, apesar de tudo, uma instituição pedagógica.



Exaltam-se furiosos os físicos tomados pelo entusiasmo dos seus companheiros na química. Conseguimos escutar a sua incredulidade, seja sob a forma tradicional de um ensaísmo académico ou pela ainda mais comum parcialidade do seu silêncio. A fúria é tal que quando enfim experimentarem no corpo os nossos avanços, compreenderão então, inadvertidamente em atraso, habitarem já uma outra sociedade. Quebram-se balões de ensaio e tubos de experimentação estilhaçados pelo chão de linóleo, ou pelo menos assim escutamos – pouco importa se propositadamente ou por expressão do vento, uma janela entreaberta: vibrações emergem sempre de algo, a um qualquer momento primordial. Em contraste, preparamo-nos para embarcar e sobrevoar o oceano. Impacientes, mas não menos conscientes por isso, adiantamo-nos. Escutamos, de fontes seguras, como para lá do Atlântico

irrompem explosões espontâneas de uma prática transversal a diferentes áreas do conhecimento: vestem diferente – nada de colarinho branco – e falam do corpo e da sexualidade como se um caso de gestão (emocional), de humanos e inumanos como indistintos, do território como ambiente, de uma biosfera – tendências justificadas pela cibernética. Trocámos já gravações: exercícios comportamentais de colectividade por meio de estímulos informáticos e *feedback* naturológico. Dilata-se o tempo tão depressa quanto já lá estamos: enfrentamos uma temporalidade (relacional) distinta. Fizemos as nossas pesquisas. Compreendemos a sua dispersão e discordância interna, visões fragmentadas, e ainda assim notamos a praticabilidade da sua coesão. Quando por fim nos encontramos, recebemo-nos mutuamente como amigos. Mas somos razoáveis, sabemos que há algo mais importante a fazer aqui, ou, mais propriamente, na discussão a que nos propomos colaborativamente, algo mais prático no seu conteúdo, mais lucrativo e radical na sua forma. No entanto, ou por isso mesmo, apresentamo-nos esvaziados de ideologia, escutando a sua de volta. Vivemos momentos memoráveis de união. Lêem-nos livros de referência e citam Whitman pela noite e Muir pelo dia. Em troca, esforçamo-nos por lhes descrever a vista dos Alpes, o nosso programa heurístico, a esquematização do nosso modelo – uma lógica de gestão sistémica – ao que, surpreendentemente, somos confrontados com dificuldades na tradução e uma igual mudez nos detalhes. Ainda assim, trocamos experiências adequadamente, ou

do modo que consideramos ser mais natural. Satisfeitos, ainda que desconfortavelmente perturbados, profanamo-nos em processos de reconhecimento mútuo. Ou, pelo menos, assim o fizemos nós. De modo que sentimos o encontro como tendo sido um sucesso. Alguns expressaram mesmo a vontade de se transferirem para o Instituto e, de facto, unir-se às nossas pesquisas – algo que em 1972, por um breve instante de colectividade, acontecerá.

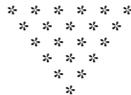


Ele segue a passo apressado. Por mais que me esforce não consigo alcançá-lo. Cruzamos o campo de Berkeley imersos no descontrolo de uma viagem de imediato mitificada. Cobre-lhe uma longa e volumosa barba o colarinho branco.



Conduzimos a terras áridas, onde o sol nos seca a pele (a nossa um bronze pouco comum), respiramos arduamente o calor (os nossos pulmões habituados à Primavera

amena do Alpes), a carrinha sacode-se, eleva-se a poeira numa nuvem de turbulência, trocamos suor em simbiose, compressos no calor, como que irmãos de sangue, conduzimos a terras áridas. Até se avistarem os domos de Bucky construídos artesanalmente com restos de chapa e vidro colorido, “Há quanto tempo se instalaram aqui?” questionado em tom germânico, “Seis meses” de resposta “e contando...”



Desmembrar-se-ão, enquanto voamos para o MIT, para nos reunirmos uma vez mais em 1972, então de volta a St. Gallen na discussão da tendência para o equilíbrio em Jay Forrester, ou os *Limites ao Crescimento*, enquanto protestam no exterior contra a produção de uma ordem gerida no interior de uma cenografia sistémica, e nós entre eles, mas não necessariamente a seu lado – em avanço de uma caosofia heurística.



Por muito que ocultemos o sentimento, em particular dos nossos anfitriões, há uma sinceridade extrema na

nossa expressão. As suas posições, e posicionamentos, não nos surpreendem, distinguindo-se no entanto das nossas ao nível das diligências, pelo menos, por ora, em termos práticos. Intrigados pela confluência das suas perspectivas com a urgência dos seus manifestos, também nós admitimos viajar na *Spaceship Earth*. Mas, enquanto nós recuaremos de volta ao vale, na esquematização do conhecimento e do intercâmbio disciplinar, onde a temporalidade é híbrida, apesar de lenta, e o investimento discreto, e onde pontes, barragens, edifícios e engenharia tecnológica moldam despercebidamente a paisagem que temos como nossa e com a qual nos relacionamos diariamente; eles prosseguirão lutando por uma união entre mente e matéria, pensamento e acção, de modos que nós podemos apenas abstractamente. Sabemos, no entanto, como abstracção é forma, um princípio de modelação. Construíram um estilo de vida para si mesmos, trabalhando, conseqüentemente, a subjectivação pelo corpo e pela doutrina. Da nossa parte, temos uma aproximação distinta à visibilidade – somos, inevitavelmente, suíços. Não procuramos moldar a vida e a criatividade, mas antes geri-la, fomentá-la, predizer as suas tendências. Novamente, partilhamos o mesmo terreno, para lá de uma dialéctica mecanicista. Mas se ambos nos ocupamos com os processos de meta-modelação, eles preocupar-se-ão ainda e por demasiado tempo com uma desconstrução que julgamos desnecessária – embora, é certo, lhes reconhecamos a velocidade com que moldaram novas vivências para lá de velhos hábitos

– enquanto que nós escreveremos manuais para a praticabilidade do futuro – para quando as suas vozes se tiverem silenciado, bem como as suas políticas de esquerda, tomadas pela banalidade de ideologias por demais citadas. Enquanto que eles prosseguirão com um olhar retrospectivo, na historização e desenlace para com uma modernidade imaginada, nós focar-nos-emos, especulativos, no futuro. Não demorará em que, no espaço-tempo de uma década, se tenham reduzido, não necessariamente a uma exterioridade mas ao ponto cego de uma sociedade tomada pelo lucro. Forçados a uma inevitável introspecção, superarão os seus manifestos de modo a escrever os seus melhores manuais, enquanto que nós, por igual, escreveremos os nossos. Quando a celebração tiver por fim passado, e a transparência de tamanha ganância diminuído, estaremos lá à sua espera, e da banalidade das suas ideologias (num mundo de incomensurável excesso), para os apoiar e trazer de volta ao horizonte que teremos então montado e discreta mas irresolutamente oferecido à sociedade. Somos camaradas; são eles apenas quem não o sabe ainda. Mas alguns de nós são precisamente os mesmos.

* * * *
* * * *
* *
*

Desde que voltámos que esta sensação de temor face ao isolamento se adensa com mais pesar e recorrência. É

pior para aqueles estrangeiros caídos, ainda que voluntariamente, aqui. E no entanto, isolamento é a palavra errada; dir-se-ia antes discrição. Vivemos entre banqueiros e farmacêuticas, mas prosseguimos ignorados pela maioria. Novamente, uma nota: digo ignorados, não desconhecidos. Somos exemplares de uma conexão prática útil a todos – ainda que apenas na lógica do *offshore*, isto é, da invisibilidade. Suíça, uma das ilhas melhor conectadas, um país de bens de qualidade e mercantilização especializada: em sectores como a molecularidade da jurisprudência, ou a intensidade das relações internas e internacionais. Paradoxalmente, o nosso produto não é ainda assim puramente especulativo, mas nem por isso contrastivamente material. Antes, ou mais propriamente, especulamos as condições da materialidade. E tal como com a temporalidade dos relógios, o chocolate e os têxteis, os laboratórios e o excepcionalismo das nossas caixas fortes e armaduras digitais, orgulhamo-nos por igual do profissionalismo da nossa discrição.

* * *
* *
*

Não tarda em que me seja lembrada a Escola de Economia de Chicago. Exercitamo-nos, e ainda que a penumbra de Inverno tenha já dado lugar a uma tímida Primavera alpina, enganamo-nos e vestimos camadas em demasia. Através dos ramos e das folhas, uma ligeira

neblina, avista-se a universidade como que planificada e, um pouco mais distante no vale, St. Gallen, como se fosse uma colecção de figuras abstractas. O ar é mais pesado aqui, de modo que enquanto ele discursa em torno do tema, uma breve dose de futurologia e previsível confiança, não consigo deixar de pensar no porquê dos sanatórios em redor. Poderia vir uma outra guerra, como é hábito vir, qual guerreiro ameríndio, e ainda os Alpes prosseguiriam com a tradição: factos de guerra reduzidos a números; refugiados indistintos aos olhos dos Estado entre os doentes, os banqueiros e a elite intelectual; crise económica e crise política administrando a pobreza das estatísticas, direccionando fluxos representados por cores cores ritmadas. A Suíça saúda-vos, encaminhando silenciosamente cada qual ao seu sanatório alpino. É esta a história da universidade, em particular, ou no que nos concerne, o instituto para a gestão laboratorial do pensamento. Relembro-me de... Sinto a sombra a gelar-me os ombros sobre a camisola enquanto me esforço de modo desesperado por vesti-la de volta – factor que acaba por me distrair da conversa que insiste em ter. Fala dos mecanismos do mundo, ou de mecanização mundial, mas não no modo que é comum experimentar-mos aqui. É algo relativo a Chicago, agora que esta arranca mais forte que nunca, como um centro igual mas distinto do nosso. Não temos qualquer interesse em geopolítica, respondo, ainda que nos formemos em novas formas de cartografia. Especializamo-nos no cruzamento de projecções, derivativos e tendências, digo. Ao que

reconhece, forçando ainda assim a ideia obtusa que o tem já vindo a ocupar faz algum tempo, impelida conscientemente da cabeça ao exterior e a uma praticabilidade para lá do acaso. É provável que peça para ser transferido para Chicago, responde.

* *

Em processo, circularmente, gerindo o tempo ao ritmo da especulação, somos. Acordarei e ainda o Richter ali se encontrará, puxando-me para si, então com uma artificial vibração, uma hipnose certamente ditada mais pela minha sonolência do que por uma qualquer qualidade pictórica para a qual não estaria em sintonia suficiente para a saber apreciar. Reflectem-se duplamente os picos das montanhas deste lado da janela, e tão rápido quanto os percepciono, vislumbramos a instalação da obra de Baumgarten, e é então que somos inadvertidamente lembrados de terras ameríndias e ritmos animistas – temos também um bronze amazónico no exterior [Carl Burckhart; *Amazone*, 1921–23], e não tarda em que tenhamos um pescador nativo ao centro da biblioteca, sob a cúpula [Mimmo Paladino; *Giardino Chiuso*, 1982]. É-nos impossível não pensar no nosso encontro americano, revivê-lo e lembrar os detalhes de um ambientalismo feroz, embora pacífico, rapidamente tornado proteccionista, o qual tanto estranhámos então, julgando-o no entanto inegavelmente apelativo. Embora

a empatia, retornamos na dúvida de se... Evidentemente que irá agradar à maioria, e evidentemente que terão razão, ainda que por razões trocadas. Não será a preservação ambiental a enformar a nossa visão da economia enquanto verde, mas antes o pensamento de ecossistemas não naturalizados e não dialécticos. Haverá ainda, e sempre, na Amazónia uma qualquer nova e desconhecida tribo a ser continuamente descoberta. Ao cortar um outro ramo ou folha tropical, ah!, libertam-se mais uns ameríndios do isolamento. Uma rajada de vento tropical, batuques, pássaros, uma doença Ibérica, morre um nativo enquanto outro se versa jesuíta, implora por um telemóvel, uma qualquer peça de tecnologia reluzente, tudo resumido a um mercado de troca de valores. Apesar da barreira linguística, a certo momento acabarão por se compreender, e através da comunicação e de uma profunda análise antropológica também nós, nos picos de uma gélida Suíça, entenderemos enfim substancialmente mais e melhor o substrato de uma certeza relativa e de uma compreensão conexas. A cada corte de ramo – desviada cede a larga folha – começam a ruir aquelas separações modernas às quais nos habituámos, não como consequência de uma política de preservação – a qual também nós apoiamos – mas, novamente, de um conhecimento dos relacionamentos sistémicos. (Para lá da modernidade) prosseguimos a conversão dos nativos do Novo ao Velho Mundo. Custou-nos um mínimo de quatro séculos e continua. Verde é a cor das relações contemporâneas e do empreendedorismo animista – não

mais em referência ao dólar, mas a uma economia de abstracção pura.

*

Para onde as janelas se abrem livremente, recomeçou gélido o vento a soprar. Cristalinas, da sala de estudo avistam-se as habituais montanhas somando-se infinitamente, tal como se somam duplamente no vidro os novos, recém-chegados, estudantes. Desdobra-se no exterior um jogo de estratégia. Não necessitamos de uma qualquer visão, visto que encontramos novos sentidos na comunicação, interacção e valorização social. Construimos agora algo já não mais pós-, mas idiossincraticamente de dentro para fora, enfim uma dobra em absoluto para si mesma, ainda que nunca completa nem completamente inclusiva, gerencial. E é a esse ponto que me apercebo então do paradoxo do nosso pavilhão de vidro, uma chamada de longa distância para Chicago, Frankfurt, Nova Iorque, Hong Kong, São Paulo: um espelho, quanto mais uma série de espelhos compondo uma fachada, não integram, nem são parte de uma acumulação corporativa, torres de marfim coroadas por templos de uma antiguidade recente em fluidez aleatória, reflectindo de volta a ilusão de uma transparência nos processos diagramáticos, enquanto ofuscam uma ferramenta para e de ocultação. Deixou-nos a todos confundidos, inebriados, um embuste arquitectónico para lá

de uma dialéctica de interiores e exteriores, para lá de ilusões de participação e exclusão através da sinceridade do visível e da horizontalidade de uma auto-reflexão. Pelo contrário, tornou-se para nós agora – compreendo enfim a minha contribuição para que assim seja – o mais contemporâneo dos objectos, isto é, das superfícies: um substituto da multiplicidade; uma plena abundância de. Uma superfície de vidro, espelhado ou não, não forma um plano, muito menos nos devolve o que é nosso: uma reflexão. Não se trata de corporações ou infiltrações, de invisibilidade, abstracção ou fechamento, mas antes sim de (in)corporações, corrupção e transgressão, penetrabilidade direccionada a projecções, desdobramentos infinitos de meta-modelação pessoal, ideação, cambio. Avançamos em círculos, devorando-nos, devorando tudo, e quantificando-o criativamente.

A Propósito de
Escolha, André Guedes, 2007

Para André Guedes

Apropriação é o nome do jogo. Transversalmente. A todos os níveis. Não apenas um gesto, mas o próprio modelo do processo histórico. Não somente uma actividade, mas uma tendência estrutural à produção do social: *prosumers* e *objectos-quase*.

A peça:

duas cadeiras da Seguradora Fidelidade – Mundial, uma verde, outra azul, apropriadas em 2007 e reunidas enquanto peça de André Guedes sob o título *Escolha*.

Uma vez considerada a multiplicidade das suas vidas – não fosse esse o propósito de *A Propósito de Escolha, André Guedes, 2007* – estas cadeiras testemunham não apenas os ritmos históricos de um país e, consequentemente, os ritmos internos de si próprias, mas também a história de outras cadências mais globais.

Relativamente a estas cadeiras e a multiplicidade das suas vidas testemunharem os ritmos históricos de um país:

Lembro-me de termos discutido, durante o processo de trabalho, sempre que nos referíamos à escolha da cor do mobiliário, a *interessante* discrepância entre a ascensão do corporativismo e aquela pseudo-liberdade concedida aos funcionários, em aparente contradição com a homogeneização dos ambientes de trabalho e a sua obediência à tal ideia de marca distintiva do grupo empresarial.

Ricardo Nicolau em *Outras Informações*, exposição *Informações*, André Guedes, 2007.

“Interessante” dado que para além dos ritmos históricos de um país, este par de cadeiras testemunhar por igual os seus próprios ritmos internos. Por outras palavras, estas testemunham não apenas a sua história, mas são a própria produção histórica. Primeira das leis platónicas: todo o objecto é representação. Mas Platão não era Marxista, muito menos consumidor, menos ainda produtor de consumo.

Escolha

André Guedes, 2007

1) verde escolhido por inclusão

cor do mobiliário utilizado durante a segunda metade dos anos de 1980 nos escritórios e nas lojas do grupo empresarial foi escolhida por uma comissão de trabalhadores, que puderam eleger o ambiente, pelo menos cromático (ganhou o verde), em que queriam trabalhar.

II) azul por imposição

com as nacionalizações, fusões e criações de marca única que definem o jogo do capitalismo global – o verde do tecido das cadeiras, por exemplo, foi substituído por azul quando se deu a fusão das companhias Fidelidade e Mundial Confiança

Ambas, Ricardo Nicolau em *Outras Informações*, 2007.

Em ambos os casos, estas cadeiras estiveram ou estão ainda (no caso da sua variação de tom azul) ao serviço de um assento, numa ou em todas as repartições da seguradora Fidelidade, seguido de Fidelidade–Mundial. No entanto, estas são por igual e desde 2007 a) peça de André Guedes, sob o título *Escolha*, seguido de b) peça de André Guedes, sob o título *Escolha*, conservada em ambiente caseiro de um privado, e de c) peça de André Guedes, sob o título *Escolha*, temporariamente recolhida por Pedro Neves Marques em 2011, embora já não, neste caso, as originais, mas antes recuperadas à origem – depósito Fidelidade–Mundial, Lisboa, Portugal – e documentadas em *Escolha* (André Guedes, 2007).

Por outras palavras, duas cadeiras e um gesto histórico de apropriação são o suficiente para a narração da história pós-revolucionária de um país, a passagem da democracia participativa a uma exclusividade corporativista (uma eficaz desilusão) ou os métodos de subjectivação dos últimos trinta anos como registados num país semi-periférico Europeu. Esta narrativa, no entanto, não apresenta qualquer paradoxo ou ambiguidade no investimento transformador

da participação, individual e colectiva, enquanto apropriação da produção.

Isto porque, como referido, a um nível mais amplo estas cadeiras são o objecto de cadências globais. A este respeito, algumas notas de gestão serão suficientes para redefinir o objecto e a sua história sobre o prisma de uma elipse temporal, definitivamente corporativista mas nem por isso menos transversal:

** Redesenhar todo o conteúdo na forma de conversa ao invés de um monólogo corporativo, ou*

** Tratar publicidade como conteúdo, ou ainda*

** Adaptação de formas e horários à exigência dos utilizadores, ou, por fim*

** Conceder aos utilizadores acesso a material bruto*

Don Tapscott e Anthony D. Williams, em *Wikinomics: How Mass Collaboration Changes Everything*, 2006.

Apropriação é o nome do jogo. Inclusão a sua variação. Curadoria a técnica: formulação histórica reciclada ao nível de uma personalização.

No que concerne a sua exposição:

ao testemunharem-se a si mesmas enquanto produtoras de história, estas cadeiras, uma verde, outra azul, são objecto da sua própria apropriação. Diferentes usos, diferentes representações. Ainda que a sua integridade histórica dificulte uma projecção aleatória sobre estas (estas cadeiras

são o que nelas se projectar), estas não deixam de ser vulneráveis à manipulação – estas são o objecto do desejo, ou uma câmara de reverberação, intenções incluídas, entre as suas diferentes colorações, e entre cadeiras e artista(s), comprador, especulador, e por aí em diante.

Conceptualmente:

não se trata apenas de uma aceção da apropriação enquanto gesto perante aquilo para qual a intenção é temporária, nem enquanto mera (re)manipulação de objectos, meios ou discursos preexistentes. Trata-se, tendencialmente, do reaproveitamento especulativo do objecto enquanto convite à participação, alheia, sem dúvida, na forma de uma partilha. Participação, para mais, planeada, estudada e gerida enquanto potencial de invenção criativa, numa (vital) dissolução da funcionalidade dos papéis de todos aqueles envolvidos – isto de acordo com ** Redesenhar todo o conteúdo na forma de conversa ao invés de um monólogo corporativo, ou * Tratar publicidade como conteúdo, ou ainda * Adaptação da formas e horários à exigência dos utilizadores, ou, por fim, * Conceder aos utilizadores acesso a material bruto.*

Poder-se-á dizer que aos funcionários da Fidelidade foi-lhes apenas concedida a liberdade de expressão da sua vontade servida num mostruário de cores. E no entanto, também o artista se limitou a apontar, já não para um catálogo de cores mas para um conjunto disponível de cadeiras criteriosamente coloridas. Entretanto, seguiram-se a estes

funcionários a agência contratada para o rebranding na fusão das duas companhias [Fidelidade | Mundial], também estes com o seu leque pessoal de intenções especulativas – aqui na mais otimizada das suas formas e, como tal, tão distante da afecção dos primeiros [trabalhadores Fidelidade] e da reflexão artística, mas não menos afectiva, do último [André Guedes].

Para mais, se ao acto gerencial de apropriação se chamar curadoria, e se esta última tiver como princípio o acordo entre um processo de especulação e a responsabilidade da gestão (ou, de um outro modo, a organização e exposição de intenções perante aquilo que é especulado, sendo precisamente a intencionalidade o que perfaz o organograma enquanto especulativo), poder-se-á especular sobre um simples, mas não menos complexo, par de cadeiras narrar a corporatização do curatorial.

Caso mantida a nostalgia pela inclusão pós-revolucionária, tão característica do processo revolucionário português, que estas possam eventualmente ter representado – “cor do mobiliário utilizado durante a segunda metade dos anos de 1980 nos escritórios e nas lojas do grupo empresarial foi escolhida por uma comissão de trabalhadores, que puderam eleger o ambiente, pelo menos cromático (ganhou o verde), em que queriam trabalhar” – estas apontarão ainda, senão para uma corporatização, então, no mínimo, para uma transversalidade da expressão curatorial no campo social.

Resta saber se, por entre esse enlevar de intenções e perspectivas, estas cadeiras se desdobram, na contemporaneidade das suas múltiplas apropriações, para lá de uma nostalgia pela *interessante* discrepância entre a ascensão do corporativismo e aquela pseudo-liberdade concedida aos funcionários. Ou se o interesse desta discrepância se encontra, na verdade, no facto desta já não existir.

* Entre o início e fim de ter escrito o texto paginado acima, foram-me chamadas à atenção as intervenções do crítico de arte brasileiro Frederico Morais, o qual, bem no interior do Tropicalismo brasileiro das décadas de 1960–1970, procurou uma outra forma, não necessariamente textual, mas não menos discursiva, retórica dirão alguns, para o acto da crítica de arte. Como resposta à exposição *Agnus Dei*, organizada por Cildo Meireles, Thereza Simões e Guilherme Guimarães em 1970, Morais organizou uma exposição–resposta, produzindo um conjunto de acções críticas a cada uma das peças dos artistas envolvidos. A acção/exposição durou pouco mais de umas horas, encerrada depois pelas autoridades, sendo talvez a crítica mais conhecida aquela na qual encomendou uma quantidade suficiente de garrafas de Coca-Cola para preencher a totalidade do chão do espaço expositivo – os espectadores/leitores puderam na ocasião caminhar mesmo sobre as garrafas. A acção, acompanhada da nota “Quinze mil garrafas de Coca-Cola amavelmente cedidas e transportadas pela Coca-Cola Refrescos, S.A.”, foi, evidentemente, uma resposta à peça *Inserções em Circuitos Ideológicos: Projeto Coca-Cola*, por Cildo Meireles, originalmente na exposição *Agnus Dei*. Entre a ambiguidade, tão habitual hoje, do gesto da apropriação e da curadoria, talvez a posição de Frederico Morais tenha algo mais a contribuir.

A Vida Anónima
de Patek Philippe

Para Joshua Simon

No anúncio televisivo de 2004 da marca de relógios de pulso Suíços Patek Philippe, *A Mon Fils*, dá-se o caso da passagem de um relógio (modelo *Calatrava*, 5196J) de pai para filho. Mais tarde, o filho perde o relógio, vindo a reencontrá-lo e comprá-lo de volta em leilão. Ilustrando a passagem de um objecto de pai para filho, o anúncio da Patek Philippe exemplifica o slogan da sua campanha *Generations*, no qual se lê “Nunca se possui verdadeiramente um Patek Philippe. Apenas se cuida deste para a próxima geração” (Patek Philippe, desde 1996). A perda, reencontro e retoma do objecto por parte do filho, representam particularmente bem o conservadorismo no qual a marca se alicerça, moral e economicamente. De novo o slogan: “Nunca se possui verdadeiramente um Patek Philippe. Apenas se cuida deste para a próxima geração.” O objecto tem a sua própria vida; testemunha-se a si mesmo. No entanto, existe uma subtil omissão no anúncio de 2004: um hiato entre a perda do relógio, passado de pai para filho, e o seu reencontro e retoma em leilão. Deste modo, omitem-se as circunstâncias da

perda do relógio por parte do filho, e, como tal, a existência, experiência e potencial circulação do objecto (um relógio Patek Philippe, modelo *Calatrava* 5196J) entre a sua perda e reencontro. A narração que segue, inevitavelmente quebrada, corresponde portanto, entre uma oferta e uma devolução, à multiplicidade das vidas possíveis para um tal objecto.

HIPÓTESE I

Descansava sobre a mesa, pesado no tampo de carvalho polido. Do pulso ao tampo, com dedos abrindo cuidadosamente a pulseira, enfrentou-o de volta olhando-o atentamente no tempo de um suspiro engolido – o suor do pulso concentrado ainda na sua face interior, um suor nervoso mais do que justificado pelo calor que a circunstância condensava na sala. Reluzente a cada ocasional raio de luz vindo da janela, aqueciam-no clarões espontâneos à frequência de uma troca de adrenalina. Um clique sobressalto sonoro, antes mesmo de uma sensação de desamparo separar pele de couro, e pêlo de ouro. Quando enfim pousado sobre a mesa na perspectiva de isolamento temporário, descansou cínico entre desejos de propriedade individual. Permaneceu a uma distância média. Peso, e um ligeiro reflexo iluminando em ângulo a concavidade da sua cicatriz. Uma assinatura: *A Mon Fils*. Transferido de um suor cutâneo ao verniz polido da mesa, pousado como se encontrava agora, ocultava-se propositadamente a dedicatória – uma mensagem revelada somente ao tampo da mesa de carvalho. Manteve-o

em silêncio. Lançou-se a conversa trocada numa linguagem estranha à passagem do tempo, para lá do tique-taque dos ponteiros contando no interior abafado da cobertura de vidro. Ligeiras variações etéreas, a causa das quais era gesticulação vinda de ambos os lados da mesa, representadas figuradamente na distorção perspectivista dos reflexos no vidro: quatro mãos gesticulando numa sobreposição de sombras; um pulso agora vazio; os movimentos evidentemente desejosos. Prolongou-se o processo por pouco mais que os treze minutos e quarenta e cinco segundos de gesticulação prévia (este ainda firme no bombear de um pulso quente), mais um minuto e cinco segundos extra para o soltar das pulseiras e a sua consequente entrega – a duração do processo de transferência atingindo um total de precisamente catorze minutos e cinquenta segundos. Uma exclamação e o sentimento de desilusão abatendo-se. Um movimento brusco, e logo um clarão branco puro varreu da sua superfície vítrea a gesticulação das mãos – autónomos, seguiram os ponteiros dourados a sua função. Assim foi por um momento logo tomado pelos dedos de uma outra força brusca, elevando-o alto e velozmente da mesa. Vibrações e uma ligeira mudança antes de, com ambas as mãos, se abrirem as pulseiras à sua máxima extensão; antes mesmo de, então com óbvio prazer, circular o pulso e ali assentar na perfeição. Um ajuste e uma pose, num pulso de maior diâmetro, irreconhecivelmente mais suave e de pele mais pálida, seguido de um puxão e uma tranca. Uma passagem. A renovação de uma vida, como consequência de uma aposta vencida.

HIPÓTESE 2

180° seguidos de um segundo movimento contado a 360°, e de volta outra vez. Enquanto abertas as pulseiras de couro amplamente na vertical no exercício de um exame histórico, alternavam-se violentamente as suas faces na análise do interior e exterior. Dançava, como se num vórtice, demorada mas precisamente em torno do seu eixo, de trás para a frente entre 180° e 0°, em frente 180° de volta a 0°, seguido de 0° a uns plenos 360° de volta a 180°, e por aí em diante com diligência. Sob escrutínio, soltou-se sobre a gravação na sua face dourada um respirar aproximado, embaciando o interior profundo desta. Logo depois um novo rodopiar: 360° a uns radicais 0°. A cada respiro próximo um reflexo perdido, a cada rodopio o retorno do reflexo. Giravam indecisas ambas as faces: uma de ouro; outra de vidro. Reluzia o ouro na inspeção feita pelos óculos, como se em comunicação. Bateram os ponteiros à hora certa. Um movimento circular. *A Mon Fils* inspeccionado cuidadosamente. Deslizou pela superfície dourada o suor seco de um dedo, deixando para trás, e ao longo da concavidade escrita, o rasto de um sentimento de corrupção. Sentiu-se frio e invadido. Por fim uma distância, no afastar das pulseiras. Repousou cuidadosamente no pano que cobria a mesa. De monóculo para cima, seguiam os ponteiros passando segundos confortavelmente. Uma discussão, ou o que poderia apenas ser etereamente sentido como tal. Seguida depois por uma troca, possivelmente um cartão, sem dúvida um retângulo. Trocado na taxa correspondente ao seu valor monetário,

limpo com um lenço suave, e enfim levado de volta ao brilho cegante de outrora.

HIPÓTESE 3

Nunca tão sedutor, e no entanto tão tristemente, havia passado a outro. As braceletes abertas com um estalido, foi mais veloz que o pensamento em queda circular sobre o tapete: pesado ouro sobre lã branca. Não muito depois recomeçou. Apesar do descuido, logo um par de mãos seguras o elevaram aos joelhos, para ali descansar nas palmas das mãos, enquanto que na lã um halo vazio era deixado para trás. Poderia até descansar nos joelhos, mas as mãos eram mais prestáveis, mais suaves. Enfrentavam-se agora criteriosamente, o monóculo observando com tamanho rigor quanto era observado. Tiquetaqueava ao prazer de outros, um certo êxtase transmitido pelo tremer das mãos, aceleravam-se os ponteiros mais rápido que o tempo. Um movimento e um aperto circular em torno de um pulso; uma troca de palavras, na evidência de um entusiasmo. Seguro, e logo tomado pela descoberta de um novo diâmetro; a pele mais suave, mais clara, o pulso mais ossudo, era evidente a necessidade de adaptação às circunstâncias em que se encontrava agora, as pulseiras ajustadas e o couro profissionalmente perfurado. Por ora, pendia ainda lasso em torno do pulso. Uma vez ajustado, algo que nunca chegou a acontecer, assentaria na perfeição, sentindo mesmo uma pulsação bombeando violentamente, aquecendo a temperatura metálica da sua face

interior. Apesar do entusiasmo, não demorou em partir, negligentemente e sem aviso. Ainda circularmente na direcção dos ponteiros, sacudiu-se para trás e para a frente sobre a mão, o pulso gladiando-se com a estranheza de um peso pouco comum, através de corredores bombardeados por vozes femininas, radiofónicas, anunciando nomes, chamando pessoas. Para logo ser comprimido por uma pressão inusitada, durante o exacto período acumulado de doze horas, doze minutos e quarenta e dois segundos, nunca por um momento parando, até se ver descomprimido de volta a uma normalidade gravitacional – precisamente oito horas atrás no tempo. Silenciosa e imperceptivelmente sacudido durante o percurso, excepção feita a ligeiros ajustes da mão esquerda no seu ir e vir. Um outro sol, um outro calor, um suor distintamente formado sobre o seu interior: aqui, onde se encontrava agora, o ouro permaneceria para sempre quente. Havia-se separado, tal era certo, e assim permaneceu pelo tempo estimado de dois mil, cento e noventa dias – dos quais esteve inoperacional durante mil e noventa e cinco.

HIPÓTESE 1.1

Um novo pulso em redor do qual se acostumar. Assim foi pela duração exacta de mil, quatrocentas e oitenta e oito horas. Um outro pulso, distinto, mais amplo, peludo, com um outro ritmo e bombear fluindo continuamente da mão ao braço à especulação do peso e altura de um corpo. E ainda assim em tudo similar no que respeita ao estilo de vida, ritmo,

ambiente e horários. Salvo as referidas subtilezas na variação, este poderia bem ser o parceiro de outrora. Reluzia a cada variação de luz, chamando à atenção, mas não mais que a atenção dada aos seus iguais, cada qual impellido para trás e para diante no seu próprio ritmo, e no entanto todos contemporaneamente em sincronia – excepção feita à possibilidade de uma variação mecânica, ou do ajuste manual, colocar uns em atraso e outros em avanço do tempo cronométrico.

HIPÓTESE 2.1

Espelhava-se de volta ao infinito no interior do gabinete. Preso com as pulseiras em torno de um pulso de acrílico transparente, suspendia-se no ar, como se pairando no espaço que lhe haviam destinado. Após um momento de descontrolo, não conseguia medir quando, porquê ou por quanto tempo, havia retomado a circularidade do seu movimento fazia agora três mil, duzentas e trinta e três horas. Em todas as direcções, cuidadosamente colocados pelas variadas prateleiras, encontrava-se um conjunto de similares relógios de pulso, em couro, liga de metal e ouro, ainda que distintos na marca, cada qual no seu espaço meticulosamente medido e a uma distância média entre um e outro. Circulava cada qual em torno do seu respectivo pulso de acrílico, todos tiquetaqueando os seus ponteiros em sincronia. De tempos a tempos rompia estridente o relógio de parede, suspendendo todos por um instante enquanto soava, para logo seguirem orquestralmente de volta. Num exacto momento registado

por todos, veio um sopro de ar fresco invadir o interior do mostruário. Aberto o painel de vidro, sentiu-se elevado e por fim solto do pulso de acrílico – estirou-se o couro, liberto, retomando um conforto há muito perdido. Um clique sonoro e logo se fechou o painel de vidro. Repousava agora de lado, amplo, estendendo-se um pouco mais e confortavelmente enquanto tiquetaqueava no algodão. O passar de um lenço suave e uma enchente de púrpura no monóculo – reflectia mais do que se recordava. Passou um minuto, seguido depois pelo vago balançar de uma liberdade concedida – fazia tanto tempo... Um tremor etéreo, seguido de um gesto convencido pela singularidade exibida: rodopiou sobre si mesmo de modo a expor a gravação, *A Mon Fils*, manual mas profundamente escrito na sua superfície interior. Um relógio de pulso em segunda mão, mas não menos luxuosamente pessoal por isso. Três minutos e quarenta e dois segundos e estava de volta a uma caixa forrada a veludo, repousado confortavelmente numa almofada, com lenço de seda incluído. Apesar da escuridão, e ainda que abafados, tiquetaqueavam ainda os ponteiros.

HIPÓTESE 3.1

De uma gaveta fechada a uma caixa de cartão da **FedEx**. Ou de uma escuridão húmida, com cheiro a madeira forrada, a uma penumbra seca. Um puxão havia-o retirado da gaveta e devolvido à memória. Descansou por um instante no interior de uma concha: duas mãos sobre as quais mal se

sentia o seu peso, antes de se ver virado do avesso no assinalar da assinatura. Um suspiro, e de imediato embrulhado em plástico protector – tiquetaqueavam difusamente os ponteiros sob o manto improvisado. Envolto como se encontrava agora, não havia como se lembrar de quando e em que circunstâncias o momento daquela separação – esquecimento para o qual a justificação somente poderia ser mecânica. E no entanto, contava ainda quando colocado no interior da caixa – e novamente desde que havia sido aberto e reparado mecanicamente a uma circularidade habitual, cócegas incluídas. Havia acordado com um súbito tiquetaque. Quando colocado no interior da caixa, e a cada volta do plástico protector, esvanecia-se o som, mas não a um completo silêncio. Prosseguia rotineiramente. Cober-to, positivamente seguro, e afastado depois com o fechar de uma aba. “Raaaaaque” fez a fita cola. E assim desapareceu, isto é, no soar de uma campainha. Ainda circularmente no sentido dos ponteiros do relógio, mal se moveu no interior da caixa, mesmo quando comprimido (pela exacta duração cumulativa de doze horas, doze minutos e quarenta e dois segundos, e durante todo o percurso) por uma pressão fora do comum. Até se ver devolvido a uma normalidade gravitacional, precisamente oito horas a mais no tempo – para além daquela acumulação de anos entretanto, por aparente falha mecânica, esquecida. Soando remotamente perto, acompanhava-o a radiofonia abafada de uma antiga melodia de Rock 'n' Roll. Até que uma nova pausa, suspense, o som pontual de uma campainha, e nada. Nada. Esperou. Não muito depois o movimento inverso de oito horas

retrocedidas no tempo para a surpresa de uma campanha de toque familiar e a expressão de algo que poderá somente ser descrito como espanto. Havia retornado, devolvido de um tempo futuro. Aberta a embalagem, repousou sobre a brancura ácida de um papel branco, tiquetaqueando mundanamente enquanto posava para um flash “*flash!*” de telemóvel, e, uma vez duplicado e tornado virtual, colocado de volta ao interior de uma embalagem da **FedEx** Express.

HIPÓTESE 1.2

Compresso contra pele inadvertidamente irritada, balançava-se ao ritmo de uma gesticulação discursiva. Havia sido comentado, um “Patek Philippe”, mas não mais que outros tantos Patek Philippe também na sala. Encontravam-se diariamente, exceção feita aos fins de semana, e mesmo então não era raro o caso de se verem reunidos pelo chamamento de um dever empreendedor. Era, de facto, aquele natural movimento pendular dos pulsos o que lhes permitia uma visão recíproca entre uns e outros sob as mangas dos fatos, embora, por vezes, se confundissem com os botões (banhados a ouro) de punho – todos os relógios e botões de punho meticulosamente combinados com o azul escuro, o preto e o castanho dos fatos. Através de corredores de madeira e amplas vistas filtradas por vidro, brilhavam. No que respeita a sua presença, a sua singularidade era relativa; era notado, mas por nenhum outro motivo que a necessidade de uma devida luxúria, ou o suficiente apenas para certificar a sua presença através da presença dos outros.

HIPÓTESE 2.2

O sucesso havia-os mantido unidos. Havia, para mais, conduzido à confirmação de uma simbiose diária feita já imagem de marca. Havia, assim, desde que deixara o mostruário e assentando na aleatória estranheza de um novo pulso, provado os seus deveres na produção de uma imagem. Brilhava, suave, vislumbrado subtilmente sob a manga do fato a cada reunião, ou com mais destaque e distintamente a cada batida “*squash!*” na parede, movia-se veloz na movimentação. Enquanto que o pulso havia engrossado à necessidade de dois novos furos no couro da pulseira, também ele havia envelhecido ao detalhe de certas rugas, quem sabe mesmo um risco ocasional (particularmente no monóculo), mas ainda assim nada comparável ao envelhecer daquela pele, daquele corpo, daquela personalidade, que auxiliara num mundo empreendedor.

HIPÓTESE 3.2

Pesado, medido, calculado, categorizado por meio de uma ficha. Um nó acompanhava-o agora, unindo-o à ficha que lhe havia sido atribuída. Nesta, escrito manualmente a tinta azul: o modelo; o ano; breves notas; carimbado depois – control final – num tom similar. Um breve exame, para logo ser confortavelmente selado no interior de um saco de plástico. Uma aprovação positiva, após verificadas as datas e detalhes, falhas, riscos e história gravada. Um guião

detalhado e uma cópia escrita, por extenso, em linguagem alfabética. *A Mon Fils* particularmente detalhado.

HIPÓTESE 1.3

Até que a marca da singularidade se tornou estranha o suficiente para a exclusão. *A Mon Fils*. Trocado por justificação de lucro. E como consequência colocado numa situação onde pesado, medido, calculado, categorizado por meio de uma ficha.

HIPÓTESE 2.3

Até que a marca da singularidade se tornou estranha o suficiente para a exclusão. *A Mon Fils*. Trocado por justificação de uma promoção há muito esperada. E como consequência de uma promoção colocado numa situação onde pesado, medido, calculado, categorizado por meio de uma ficha.

HIPÓTESE 4

Aguardava, enquanto que na sala uma voz anunciava particularidades, gentilmente mas com convicção, interrompida repetidamente por cadeiras e o som de plástico arrastado no soalho – o que poderia apenas ser o som de acumulação,

somas, indicação, posse. “Um relógio de pulso Patek Philippe, em amarelo dourado, da colecção *Calatrava*. Um *grand classique* da Patek Philippe, tanto firme quanto perfeitamente proporcionado. Terão notado a gravação personalizada *So Meu Filho* na sua face interior. Este relógio de pulso pertenceu à mesma pessoa por vários anos antes de se terem separado por razões pessoais.” Exibido com a pulseira bem tensa na vertical, circulouse suavemente pela sala, as suas costas contra a base almofadada. “O movimento tem o selo de Genebra. Isto incorpora o conhecimento da produção de Genebra. Elos decorados e extremidades biseladas. Cada roldana necessita de quarenta a sessenta operações. O ponteiro de prata opalina é puro e clássico. O corpo tem todas as características distintivas do estilo original da colecção *Calatrava*. Este é harmoniosamente prolongado pela pulseira. O corpo é especificado como resistente à água e até vinte e cinco metros de profundidade.” Elevado do descanso e acelerado exemplarmente no tempo, a sua função reduzida ao som do seu esqueleto. “Como mencionado previamente, este relógio foi obviamente um presente.” De volta à base, adensou-se uma luz brilhante: a sua pele dourada reluzindo mais que nunca. E ainda assim permaneceu a ansiedade. “Por este relógio de pulso Patek Philippe, personalizado pela dedicatória, lote número vinte e oito. Iniciamos a licitação do lote vinte e oito a ...”

tique... tique... tique...

PEDRO NEVES MARQUES

seguido de uma exclamação anunciada e de uma entrada em cena, um reencontro ganho por força de vontade, mas mais ainda por dinheiro.

TAMBÉM, OU

(ao invés ou previamente ao acima listado)

Pai retira-o a filho por falta de responsabilidade e injúria a um orgulho genealógico. *Plus jamais A Mon Fils.*

The Anonymous Life of Patek Philippe

To Joshua Simon

In the 2004 T.V. advertisement for the Swiss wristwatch brand Patek Philippe, *A Mon Fils*, a father passes his Patek Philippe *Calatrava* model 5196J onto his son. The son subsequently loses the wristwatch to, years on, retrieve it and buy it back in an auction. Standing in for the generational passage of an object from father to son, the ad perfectly illustrates Patek Phillippe's *Generations* campaign slogan, "You never actually own a Patek Philippe. You merely look after it for the next generation." (Patek Philippe; since 1996) Furthermore, the loss, retrieval and final claim over the object by the son, illustrates with equal success the conservative moral and economic spirit on which the brand builds itself. Again, "You never actually own a Patek Philippe. You merely look after it for the next generation." The object has his – and not its – own life; it is witness to itself. In this regard, an omission remains in the 2004 advertisement, that is, a hiatus between the loss of the wristwatch and its retrieval and claim in the auction house. In this way, the circumstances of the wristwatch's

loss are eluded, and along with it the lived time-space or experience of this object (a Patek Philippe *Calatrava* model 5196J) between its loss and retrieval. Its potential circulation has been foreclosed. As such, the following narration, deliberately fragmentary, takes place between an offering and a devolution, and corresponds to a wrist-watch's multiple, hypothetical lives.

SCENARIO I

It rested on the table, heavyweight on the polished wooden oak board. Laid there as loosened from the wrist with fingers carefully unpicking the lock face upwards, it swayed while a swallowed gasp sounded lightly – the wrist's sweat humidifying the skin where its golden underside had been, a sweat out of nervousness rather than heat. Glimmering at each occasional ray of light, a glare, it came crossing the windowpane, warming it up to the frequency of an adrenaline-high exchange. A jump, a clicking sound, before a feeling of separation began distancing skin from leather, hair from gold. Off it went, in prospect of temporary isolation – on the table. It lay, finally, when rested by carefully staged hands, to pose cynically in between wishes of ownership and the prospect of a passing. At mid-distance across the table. Weight and a slight reflection underneath in shadows, with cross-angle illuminations of a scar's concavity. A signature: *A. Mon Fils*. It hid the dedicated engraving – from sweaty skin to cold wood

polish, a presentation to another with an undisclosed message now turned to the oak table. It kept it silent. Tick tack gibberish thrown back and forth in a language foreign to time passing – besides the passing tick tack of the dials muffled within the glass cover. Followed by slight ethereal variations, the cause of which was gesticulation from both sides of the table – movements represented figuratively in the distorted perspective of the reflective glass: four arms gesticulating in a superposition of shadows, a wrist now vacant, an accustomed other and two desiring ones. The shadow play went on, but for no longer than the thirteen minutes, forty-five seconds of previous gesticulation (while it still held on to the flesh of warm pumping communication) plus the one minute and five seconds of unlocking and dispensation – the overall duration amounting to precisely fourteen minutes, fifty seconds. A shout and the feeling of disillusionment falling. Over its glass surface a white wash whooshed, withdrawing arms and hands, previously so gesticulatory. And, throughout, its gold markers circling, pointing to numbers rounding about, summing up, counting. So it remained, for a moment then taken by the fingers of another brutish force raising it high and fast from the wood surface. Vibrations and a slight exchange before unloosening; with both hands spreading the bracelets to the fullest extension, then with evident delight in the care of a touch, rounding the wrist it came fitting finely. A pose and an adjustment on a wider wrist diameter, with less hair and a lighter skin. Then a lock. And a new life from the loss of the betting hand of another.

SCENARIO 2

180° followed by a second half movement counting to 360°, round again, violently it shifted sides at the examination of what faced inside and outside, its leather bracelets spread widely vertical by stern hands of historical verification. As if in a vortex, it danced, slowly yet precisely moving around its axis, back and forth from 180° to 0°, forth 180° then back to 0°, then from 0° to full 360° and back to 180°, and so on. At close scrutiny a breath came closely, loosening a mist veil on its golden underside. It warmed up organically, the humidity residing within the hollows for a while longer, rapidly shaken off with yet another twist: 360° to a radical 0°. At each breath, a reflection fading; at each turn, the return of reflection. Its faces, one gold, one glass, circled undecided – at each turn the gold glimmered in communication with the overly close glasses. Meanwhile, the markers ticked the hour. A roundabout movement, and from time to time *A Mon Fils* closely inspected. The dry sweat of a rubbing finger sliding on the gold surface, feeling the hollow carving. It felt cold and abused. Though gloved, the finger left insidious remains behind. It dropped carefully on the clothed table – some distance at last. There it stood, laying with monocle upward, the markers passing, the seconds at ease. An argument, or what could only be ethereally perceived as such to it. Then an apparently simple passing of objects from hand to hand, possibly a card, surely a rectangle. Exchanged at the rate of its monetary value, cleaned with a soft cloth, and at last taken out and, once more, to blinding brightness.

SCENARIO 3

Never so charmingly yet so sadly enthralling had it passed on. The lock safely pinched open, it went faster than thought, dropping down, heavy gold on the woolly white carpet. Not long thereafter it resumed. A pair of hands with attentive holding fingers lifting its weight to rest at knee level with hands facing upward, while on the wool a weightless imprint was left behind. It could be resting on the knees themselves. Yet these hands were softer. Now it ticked, faster and clockwise, at the pleasure of others, or at least faster than time seemed to be passing. A movement and a shake, a chit-chat of evident pleasure and slight devotion followed by a fitting around the wrist. A lock, and off it went enamored with a newly found diameter, the skin softer, lighter, the wrist bonier. It would need an adjustment, its bracelets tightened and the leather professionally perforated. Yet, for now it hung slightly loose around the wrist. If ever adjusted, which never did happen, it would feel a bodily pulsation violently beating, warming up the metallic coldness of its underbelly. Despite the excitement, not long after it parted, carelessly and without warning. Circularly clockwise it still shook back and forth hanging slightly overweight on a struggling wrist, across corridors overloaded with radiophonic female voices announcing names, calling forth people. Then an uncommon pressure compressing it for the exact cumulative timing of twelve hours, twelve minutes and forty-two seconds. It did not cease counting. Followed by

a release to gravity's normality, precisely eight hours back in time. All the while it shook, silently unnoticed save for the slight adjustment of the left hand randomly coming and going. A new sunshine, another heat, a distinct sweat forming on its underside: here, gold never turned cold. It had parted, that much was certain, and apart it remained for the estimated time of two thousand, one hundred and ninety days, of which it remained inoperative for approximately one thousand and ninety five.

SCENARIO 1.1

A new wrist around which to become customary. And so it had been for the exact timing of one thousand, four hundred and eighty eight hours. It kept counting. A distinct wrist around which to circumnavigate - thicker, hairier, with a different pumping beat flowing endlessly from hand to arm to the speculative measurement of a body weight and size, yet, all in all, a similar lifestyle, rhythm and schedule. Save for the subtleties, this body could actually be the same as the previous one. It shone at random light and drew attention, but not much more than its equals, of whom each pushed back and forth at a distinct rhythm yet all contemporarily attuned – except for the possibility of mechanical variation or manual adjustment setting some in advance or delay of chronometric time.

SCENARIO 2.1

Inside the cabinet it mirrored itself backwards into infinity. Attached to a transparent acrylic wrist by its rounding bracelets it stood as if suspended in the air, or as if hovering in its allocated space. After a moment of loss, it could not measure when, why, or for how long it had, three thousand two hundred and thirty three hours ago, regained its circular movement looping in time. Above, below and all over, carefully displayed throughout the cabinet's various shelves, an array of similar wristwatches, all similar yet distinct in brand, each in its own meticulously arranged space distanced at regular intervals from one another, and each rounding its own individual acrylic wrist, yet all synchronously tick-tacking away their markers. From time to time, a bang would sound from the wall clock, leaving all suspended for a moment while the clock gonged – then off they went ticking symphonically again. At an exact moment registered by all, a gush of fresh air came rushing in. The glass panel opened. At last, it was lifted and unloosened from its acrylic wrist – the straps widened, stretched out, regained lost comfort. A snap click-lock and the glass panel closed. It stood sideways, tick-tacking on the counter, loose and comfortable against the cotton. The passage of a soft cloth over the dial and a flood of purple – it reflected more than it remembered. A minute passed, followed by a slight lift upward. A tremor in the air and a convincing move of singularity exhibited: it capsized leaving its carving exposed, *A Mon Fils*,

handwritten deeply into its underside. A second hand wristwatch, but no less luxuriously personal for that. Three minutes and forty-two seconds and it was back in a velvet case, comfortably sitting in the cushion along with the soft cloth it had been touched by just before. Notwithstanding the darkness, it ticked, albeit muffledly so.

SCENARIO 3.1

From a closet drawer to a **FedEx** card box package. Or from murky darkness with a scent of velvet-covered wood to dry dimness. A pull had opened the drawer wide and brought it back to mind. Attentively, it was held and it rested, for a while longer, in suspended conch-shaping hands, its lightness a balancing breathed rhythm, before turning it sideways to signal the carving. A sigh before wrapping it in bubble plastic. Though diffusely veiled by the improvised plastic dress, it could still be seen ticking a dial through the transparency of the wrap. Time had passed, and though confronted with its own mechanics, wrapped as it now was it could not remember when it had been or for how long the parting had taken place. It too had lost track, the cause of which was self-evidently mechanical. But now it counted again – since, at a given moment lost in time, it had been opened wide from the back, its gold lid removed, and repaired back to customary circularity, tickles included. It had woken up with a sudden tack, tick, tack... When placed inside the cardboard

package, though faded out, it could still be heard – it went on routinely. Covered and safely unshakable, then taken from view with a closing top. “Rackkk” went the scotch tape. And with a ding-dong bell it parted loudly out of sight. It barely shook back and forth, not even when an uncommon pressure compressed it for the exact cumulative timing of twelve hours, twelve minutes and forty-two seconds; it never for a moment stopping, then released to gravity’s normality again: precisely eight hours forward in time – plus the accumulation of years of which it had lost track. Listening to an old radio quality Rock 'n' Roll tune muffledly coming from somewhere nearby, then one more stoppage, suspense, a beep bell sound and nothing. Nothing. It waited. Not long after a trip back eight hours in time to a familiar ding-dong bell and the sound of what could only be the expression of surprise. It had come back, returned from a future time. Unpacked and resting on white paper background, it tick-tacked mundanely while flashed *flash!* by a cell phone and then back into a **FedEx** card box. It went virtual.

SCENARIO 1.2

The carving faced downward, compressed against skin with a light rash while the hand gesticulated to the discussion. It had been commented on, “a Patek Philippe,” and it had its companions in the room too. They met daily, with the exception of weekends, and even then it was not uncommon

for the call of entrepreneurial duty to bring them together. The pendular movement of the wrists they embraced enabled them to catch a glimpse of each other underneath the cuffs, mistaking each other, from time to time, for gold-bathed cufflinks. All wristwatches and cufflinks meticulously matching the dark blue or the black and brown of suits. Across wooden corridors and wide vistas filtered by glass, they glimmered. As for its presence, its singularity was relative; it was noticed, yet for no other purpose than to acknowledge the necessity of a called-for luxury, or in order to certify one's own presence through that of others.

SCENARIO 2.2

Success had kept them together. Furthermore, it had led to the confirmation of a daily symbiosis between what had by now become a trademark. It had thus, since it had left the cabinet, and, with a feeling of estrangement, fit a new wrist diameter, proven its worth in image-building. It shone softly when subtly revealed from underneath the suit's cuff; then distinctly at each punch *squash!* on the wall, it rushed moving sideways, it did not shake, fall. Loosened, it held strong. While the wrist had grown to the necessity of two extra punch holes in the leather strap, it had also gained some wrinkles in the bracelets, perhaps a scratch (particularly in the dial), but nothing comparable to the aging of the skin around which it had grown together in the entrepreneurial world.

SCENARIO 3.2

Weighed, measured, calculated, tagged. A knot accompanied it now, linking its strap to a band from which hung a white tag. On it, with handwritten blue ink: the model; the year; some notes; and then a stamp – control final in a similar hue. A brief examination, then comfy it went, sealed inside the plastic wrap. After cross-checking dates, details, flaws, scratches, all of its engraved history: an approved positive reply, a detailed script and a written copy. And spread out in alphabetical language: *A Mon Fils*.

SCENARIO 1.3

Until the mark of singularity became strange enough for exclusion. *A Mon Fils*. And out of greed placed in a situation requiring weighing, measuring, calculations and tags.

SCENARIO 2.3

Until the mark of singularity became strange enough for exclusion. *A Mon Fils*. And out of a long, overdue promotion placed in a situation requiring weighing, measuring, calculations and tags.

SCENARIO 4

It waited, while in the room a voice gently, though with conviction, announced particularities, interrupted here and again by sounds of movement and plastic scratching on the wooden floor – which could only be the sound of adding, raising, pointing, claiming, “A Patek Philippe wristwatch, in yellow gold, from the *Calatrava* collection. A *grand classique* from Patek Philippe, that is both strict and perfectly well-proportioned. You will have noticed the personalized engraving *To My Son*, on the back. This wristwatch belonged to the same person for many years before he had to part with it for personal reasons.” It went slowly from side to side, exhibited with its straps open wide, its back to the white cotton pad. “The movement bears the Geneva seal. This embodies the entire know-how of the Geneva manufacture. Decorated bridges and chamfered edges. Each wheel requires forty to sixty operations. The opaline silver dial is very pure and classic. The case has all the distinctive characteristics of the original *Calatrava* style. The case middle is harmoniously extended by the lugs. The case is specified as water resistant up to twenty-five meters.” Lifted from the pad and exemplarily accelerated forward in time, its function reduced to the sound of its skeleton. “As mentioned previously, this watch was obviously a gift.” Back on the pad, a warm light gathered, and its golden skin shone more radiantly than ever before. Yet it remained in suspense. “For this personally engraved Patek Philippe wristwatch,

lot number twenty-eight. We start the bidding for the lot twenty-eight at ...”

tick... tick... ticking...

Then an announcement and an entrance, a reencounter won by will, but backed by money.

ALSO, OR

(instead and previously to the above listed)

Father takes it back from son for lack of responsibility and injury to genealogical pride. *Plus jamais A Mon Fils*.

On *Escolha*,
André Guedes, 2007

To André Guedes

Appropriation is the name of the game. Transversally and at all levels. Not only a gesture, but moreover the model for historical process itself. Not only an activity, but rather a structural tendency to the production of the social: *prosumers* and *quasi-objects*.

The play:

Two chairs from the insurance company Fidelidade-Mundial, one green, another blue, appropriated in 2007 and brought together as a piece by André Guedes under the title *Escolha*.

Once taken into account the multiplicity of their lives – presumably the purpose of *On Escolha, André Guedes, 2007* – these chairs testify not only to the historical rhythms of a country, and, consequently, to their own inner rhythms, but also to the history of further far-reaching global cadences.

Regarding the assumption that these chairs and the multiplicity of their lives testify to the historical rhythms of a country, consider:

I remember discussing, while of the work process, whenever we referred to the choosing of the furniture's colour, that most *interesting* discrepancy between the rise of corporatism and that pseudo-liberty granted to the employees, in apparent contradiction to the homogenisation of the working areas and their obedience to the idea of a distinctive brand for the business group.

Ricardo Nicolau in *Outras Informações*, exhibition *Informações*, André Guedes, 2007.

“Interesting,” given that, beyond the historical rhythm of a country, this pair of chairs testifies also to their own inner rhythms. In other words, not only do these testify to their own history, but furthermore to the embodiment of historical production. The first of Plato's laws: every object is another. It is only that Plato was not a Marxist, much less a consumer, even less a companion to the production of consumption.

Escolha
André Guedes, 2007

1) green chosen by inclusion

the colour of the furniture used in the second half of the 1980s in the offices and storefronts of the business group was chosen

by a workers committee, which was allowed then to elect the ambience, at least its chromatic aspect (green won) in which to work.

11) blue by imposition

with the nationalizations, mergers and the creation of unique brands that define the game of global capitalism, the green cloth of the chairs, for example, was exchanged for blue when the companies Fidelidade and Mundial Confiança finally merged.

Both, Ricardo Nicolau in *Outras Informações*, 2007.

In both instances, these chairs were, and still are (in the case of the blue color tone), the official seats at the departments and storefronts of the insurance company Fidelidade, followed by those of Fidelidade–Mundial. Yet, since 2007, these are also: a) artwork by André Guedes, under the title *Escolha*, followed by b) artwork by André Guedes, under the title *Escolha*, kept safely away in a private house, and by c) artwork by André Guedes, under the title *Escolha*, temporarily appropriated by Pedro Neves Marques in 2011 – though, no longer in this case, the originals but rather a double collected from the original site: the storage space of Fidelidade–Mundial, Lisbon, Portugal – and documented in the shape of *Escolha* (André Guedes, 2007).

Put differently, by way of two chairs and a by now historical gesture of appropriation, the post-revolutionary history of a country is told: the passage from participatory

democracy to a corporatist exclusivity, a most effective disillusionment, and the methods of subjectivation of the last thirty years as registered in a semi-peripheral European country. There is no paradox in this narration, much less an ambiguity about the disempowerment of participation, individual or collective, reshaped as the model for the appropriation of production.

On a wider scale, these chairs are the object of global cadences. In this respect, some brief notes on contemporary management may help us to redefine the object and its history under the light of a temporal ellipsis, definitely corporatist but no less transversal for that, namely:

- * Redesign all content to be a conversation rather than a corporate monologue, or
- * Adapt content forms and schedules to user demands, or even
- * Treat advertisement as content too, or, finally
- * Give users access to raw content

Don Tapscott & Anthony D. Williams, in *Wikinomics: How Mass Collaboration Changes Everything*, 2006.

Appropriation is the name of the game. Inclusiveness its variation. Curating its technique: historical formulation recycled to personalization.

Exhibited:

In testifying to themselves as producers of history, these chairs, one green, another blue, are witnesses to

the history of their own appropriation. Different usages, distinct representations. Although their historical integrity may trouble the exercise of an aleatory projection on them (they are whatever one projects onto them), they do not cease to be vulnerable to manipulation. They are the object of desire, or an echo chamber, intentions included, between their different color tones, as well as between chairs and artist(s), buyer, speculator, and so on.

Conceptually:

It is not only a matter of reading appropriation as the gesture for which intentions are temporary, or as mere (re)appropriation of preexistent objects, methods and discourses. Rather, it is the case of a speculative re-using of objects aimed at an invitation to participation under the guise of sharing. A participation, moreover, that is planned, schematized and managed as the drive behind creativity, in a (vital) dissolution between the roles of all those involved – all of the former in accordance with **Redesign all content to be a conversation rather than a corporate monologue*, or **Adapt content forms and schedules to user demands*, or even **Treat advertisement as content too*, or, finally, **Give users access to raw content*.

One could say that the employees of the insurance company Fidelidade were only allowed the freedom to express their consensual will as defined by a colour chart. Yet, the artist also merely pointed, not to a colour chart but to an available set of carefully coloured chairs.

Meanwhile, one should not forget the employees of the rebranding agency hired to merge the two companies [Fidelidade | Mundial], each of which with its own personal set of speculative intentions, though all proceeding in the most optimal of manners, and as such, radically apart from the affection of the first [employees from the insurance company Fidelidade] and the no less affective artistic inquiry of the latter [André Guedes].

Also, if one were to call the managerial act of appropriation curating, and if the latter is to have as principle the agreement between a speculative process and the responsibility of managing (or, put otherwise, the organization and exhibition of intentions before that which is speculated, intentionality being the constituting element of the organogram as speculative), one could then speculate on a simple, though rather complex, pair of chairs narrating the corporatization of the curatorial.

And if the nostalgia for a post-revolutionary inclusion, so characteristic of the Portuguese revolutionary process, stills holds on – “the colour of the furniture used in the second half of the 1980s in the offices and storefronts of the business group was chosen by a workers committee, which was allowed then to elect the ambience, at least its chromatic aspect (green won) in which to work” – these chairs will nonetheless signal the corporatization of the curatorial expression, or at least its transversality in the social field.

In any case, the question remains whether, amid such entanglement of intentions and perspectives, these chairs may actually unfold, in the contemporaneity of their multiple appropriations, beyond a nostalgia for that most *interesting* discrepancy between the rise of corporatism and that pseudo-liberty granted to the employees. Or if perhaps the interest in such discrepancy is, rather, the fact that it no longer exists.

* Between beginning to write this text and finishing it, I was referred to the interventions done by the Brazilian art critic Frederico Morais, who, deeply involved with the Brazilian Tropicalia movement of the 1960-1970s searched for another form for the practice of art criticism – a form no longer limited to writing, yet no less discursive, some would say rhetorical, for that. As an answer to the show *Agnus Dei*, organized by Cildo Meireles, Thereza Simões e Guilherme Guimarães in 1970, Morais organized a counter-exhibition, in which he enacted a set of critical actions as an answer to each of the artworks of the invited artists. Closed down by the police, the action/exhibition lasted less than a couple of hours. The most renown critique is that for which Morais ordered an amount of Coca-Cola bottles sufficient to fill up the entire floor of the space – the spectators/readers were free to walk on top of the bottled floor. The action, accompanied by a note stating “Quinze mil garrafas de Coca-Cola amavelmente cedidas e transportadas pela Coca-Cola Refrescos, S.A.” (Fifteen thousand Coca-Cola bottles gently granted and transported by Coca-Cola Refreshments, S.A.) was, evidently, an answer to the piece by Cildo Meireles, *Inserções em Circuitos Ideológicos: Projeto Coca-Cola*, originally on show in *Agnus Dei*. Between the ambiguity, so common nowadays, of the gesture of appropriation and curating, the position of Frederico Morais may have something different to contribute to our current state of affairs.

The Integration Process. The Integration Process.

Between the homogenization of work and the contemporary processes of branding, we see no prospects in the former. We saw it then, and we still do, as the remains of modern economics: accurate, solid, but certain to decay and soon disappear – and this not without a push from our side. Yes, we are proud, but that is only a flaw attributed to the certainty that our education is the best, and, reciprocally, that it is for the best. We speak to the present as if to the future, that is, in the language of speculation: a language that, once dialects have been exchanged by a mapping of the many, and processual linearity by the inconstancy of expectations, will soon cease to be foreign. The real, or virtual, scope of such (global) universality is a constant topic in class, and it is something we are trying to resolve. Some see in its translation precisely that vision of the many, each to the specificity of his labor, laboring, from the parts to the equilibrium of the whole: a modernist holism, so close yet so distinct to the systemics for which we are

working. We are quite aware of Jan Smuts's *Holism and Evolution*, we know our own genealogy, and which words, nomenclature, and concepts to use. As such, our flaw in pride (our arrogance) should be regarded as irrelevant when contrasted to the contribution we literally manage to promote. A deviation from historicity for the pursuit of history itself. As to the case of branding, we regard it not as a matter of obedience, but as the place from which all subjectivation starts.

*

Out of chaos and feedback loops, we sit there while they lecture us. Coming from somewhere and into something else, we are on the run. Placed on the table, we face the book. ECO·LO·GY. We translate it, as an exercise in speculation, and read it backwards. We do reading groups. Just as promised, a strange sound emanates. We feel estranged, unsure about its potential and credibility, save for the logic apparently inherent to it. We get accustomed. We go out for a hike, and upon returning it's a different structure. No longer a building, yet not necessarily a landscape. Now our walls are glass and in our minds we are always hiking. A great transformation: we call it the Integration Process. We have measured some profits and compared these with estimation costs. We have obtained what can only be regarded as satisfactory results.

*
* *

While some touch on photocopied appliances, their hands blurred by toner ink spilled, we speed through the information collected throughout the week, jumping from thought to thought, as if mentally skipping pages or adding numbers, doing math. We have been reading on ecology and cybernetics, and though beginning with the biological and energeticist strand of the first, soon enough we are conflating it, or rather looping it with the beginnings of the second – Norbert Wiener with John Phillipson – before moving back and forth on to more general systems thinking and living systems. An abstraction we were not expecting, though not in content, rather, we are caught by the abstraction in the genealogy of the managerial method (an abstract form or a form for abstraction), so utterly practical in the case of the models drawn by Jay Forrester. Even though dispensing with the radicalism of some and the spiritualism of others, there, drowsy, the mountain shades falling on the institute make me wonder and, strangely enough, transubstantiate. While eerie at first, I will soon enough get accustomed to the case, for, in fact, I will learn, transubstantiation is a tool, not just an occasion. Assured of companionship and understanding, though, I know, I am not alone in this feeling, yet I fear admitting to the uncertainty of the ethereal vibrations that seem to confirm me of it, as I am confident it confirms the rest. A glance around, and they look back at

me vaguely empty. I cannot grasp its logic yet, and they too, though there, a certain logic, half broken, guaranteedly half, between verification and intuition, spatial, reaching farther than arm's length, a reaching, folding, continuously, without end, in sections, hence the difficulty. To step out of a holistic approach, yet integrate. Management is cartography. Time travel. Invocation. A calling. To take economics out of rationalization. It was, at first, a difficult task. Now we're modeling diagrams, and doing a (dia)grammar of models.



In the library, we do background research on the momentarily necessary, and even though the sections on environmentalism and the modern conception of nature [naturalization] is more abundant than expected, there are sparse publications on the social, cultural, political perspective of ecology. We will have to wait for improvements, for other fields of knowledge, sociology most included, to cross into ours. For the moment, we can only but be futurological and predict the coming crossing of fields of (trans) knowledge and critique, managerial curating, individual ontogenesis, and active prosumerism. We are wary of waiting, though. We feel there is something missing, shaded, on the horizon, and overall we are as young as the technique, an expanding laboratory. We have started to plan a

proper meeting. Across the ocean. We can foresee the consequences coming.



Once highlighted the interest in the work of Ilya Prigogine, so will the institute have moved to the velocity of a necessary and adequate recomposition. If confusing at first, by the end of the day a thrill will be rushing through all of those lucky enough to have been in class, we are contagious, we talk loudly, we are preposterous. The enthusiasm will be in fact such that we will barely remember Bertalanffy or Wiener anymore. Prigogine will give us a distinct way of processing the flows and feedbacks, between the loops and stocks of information, by breaking with that all too familiar, all too tendentious inclination to view and look for ecosystemic harmony, in the way of Forrester, exchanging it instead, not by will or predisposition but by thermodynamic verification and extrapolation, for that at first ciphered then clairvoyant notion of autopoiesis out of chaos. But then again, this possibility of creation through chance out of a supposed predestination, proximity or attraction, gradual decadence or utter destruction, phoenix looping back, we're imploding no sooner than we're up and running a (apparently) healthy entrepreneurship again within a whole constellation

of apparently hybrid bodies, though departmental in shape, which we did not recognize as autonomous being but always felt being so cycling in self-regulation, is it not equally familiar? Years on and still the discussion will not demure: a tendency for stability set against capitalistic refrains of creativity crashing the charts of global production to the tense despair of free falling markets, and continuously productive at that. But for today only, though exhausted we are content, heading each to his respective dorm eroticized to a degree unimaginable before.



To pinpoint and proceed with a (psycho-socio-cultural-and-economic) analysis of an exemplary autopoietic situation, and if possible, to do it by way of a given historical event initially beyond our immediate grasp. So we are asked. A subtle exercise on historical inclination, or tendency, we were not expecting yet demanding for. At last, it made everything so much more concrete, though, for the same exact reasons, or lines of reasoning, intensely more terrifying, ironically uncertain, that is how we were. The management of social history as a simple matter of imagination and will, of timely twists and folds, bubbles foaming and enveloping other facts,

knowing, or rather, acknowledging how and through which channels management passes and makes passes as if bridging times in space. A speculative exercise. As a primary tool for discussion, a sponge ball is bounced against the dorm wall – a characteristic ritual or exercise: the transformation of a sponge ball, by wit, will or imagination, into rock or any other substance; also, to predict when and through which exact methods such transformation may take place. We take the bus and head out of town, but not before indulging in a properly Swiss-made hot chocolate. They make it better in Spain though, and off we go looking for imported goods. “¡Hola!”, she is definitely not Spanish and we are definitely not that naïve. Most surely, she has not even immigrated. We decide to take a secondary route up to the exclusivity of Swiss isolation. It takes longer than expected. On our way up, we can see lake Constance reflecting in the corner of our eyes. Above, the clouds are dangerously drawing nearer. Some animals, if not for the birds they are calling, fly like wild grasshoppers in a savage group-dance. We struggle hard not to project a modeling formula onto them. We fail. Atop, we take time to clarify our heads. The wind blows freezing humid (*from where* and *where to*, rather than *what* and *how*). A famine, an economic crisis, a downfall most obviously, a disease that spreads uninterruptedly – while production proceeds. But why not the random organization of lottery numbers or the possibility of social congregation? Hanging, trying to break

an already half broken branch, he falls and suggests '68. But that's uncomfortably near, too heated still, and we all agree that we should leave qualitative considerations out of the equation. He draws closer, and in a twist of historicity exchanges the example for the taking of the Bastille. But that's just seizing chance. Why not the French Revolution as a whole, right through the Terror Years to the crowning of Bonaparte? It won't work... A counterproposal soon erupts: why not the ecological model itself then? Environmentalism; the whole preservation model? "I would rather go for radical left wing and right wing politics," some suggest... And so we spend the remaining hours of a shortened day in a cottage, discussing such possibilities, related historical inclinations, sociological tendencies, while sheltering ourselves from the increasing cold outside. In preparation of the route back home. Back to hot chocolate with memories of afternoon mugs. "Should we go now?" We should, and off we go, down the mountain again – attempting an archeology of our by now exhausted minds. Now that the clouds have come raging and as ragingly have gone, the nightlights flicker yellowish in the valley, Constance randomly mirroring the night sky. As I glance at one I'm observed by another, his face exhaustingly compressing his cheek against the glass window from the bus and into an oblivion night, while the valley swallows us as if a humid mouth. Back at the university dew is already falling, the gravel slides. There is no one, or entity. And still we proceed each

to our room with feelings of ordinariness and banality, frustration and contempt. Out of the void and into reality, at night I rise, levitating horizontally while my mind suddenly bursts with ideas. I know that, each in his own room, they are doing the same.



University politics. A new artwork has just been lent to the campus, though it is not yet certain where it will be placed. Evidently, the direction is hoping to fit it somewhere where it doesn't disturb too much, yet where it will inspire sufficiently and be visible enough for ostentation. It is a Lothar Baumgarten – so says a German colleague who seems to know the author, or he says it is a Lothar Baumgarten, and we trust him at that, not knowing much about the visual arts we listen to the logical explanation about the similarities between the school's politics and the author's pretensions. In the library, my cheek merges with the hand on which it rests, while drowsy I imagine, hanging on the wall, the future Gerhard Richter that one day will face the hallway. It will be called *Illusions*. In motion. It will cover the entire length of the flat concrete wall, yet it will be barely seen – disguising itself against the brutalism with splatters of dragged red and orange and brown copper,

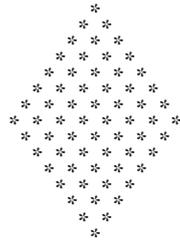
decaying along with the building, yet quicker to remind us of chaos theory and the possibilities of chance. It drags us flat into it, as we fall forward under hypnosis. I hear chit chat. I should concentrate.



We arrived at the turn of the first to the second St. Gallen management model, when the triad of frameworks proposed by Hans Ulrich was already being reshaped by the new director's improvements. Bleicher, the new director, was, most possibly, in the office, writing the program's second book. It didn't compromise Hans Ulrich's holistic approach, it was said. In fact, it opened it up comprehensively to a harmonization of the parts, between activities and intentions, goals and accomplishments. We hear him in the auditorium before another venture or flight, another university auditorium, one more set of Q&A. And though strained, he was confident (of a legacy pushed forward), and upon such transparency, more than intellect even, we were not in the least ashamed of being pupils to the host in whom we had invested. It was not only the extension and revolving of things (in) themselves (and with others), or even the expectations bound to each giving and taking in the social, in each systemic exchange in the cultural

and labor field, in each devolution. It was also, as importantly, its processual orientation. The program could thus, given its particularities, be judged as an obvious improvement to the curriculum, yet even revolutions turn obvious when understood the prospects of their inner mechanics and ties. No check bounces back blank. It always connects to something, a party, an ingenuity, a deceiver, a deceived, a passing in consternation, a blockage or an escape route. But what if you opt to rob the bank? We had an insight of what was coming: ecological strain. Of course we were expected to understand the ethics of normative standards in the inclusion of all possible stakeholders, and of course we were bound to investigate, as much as instigate, in fact, social processes. It was no puppetry or inside knowledge of a language common to only a few. Others in other fields were pushing knowledge as much as we were, had their hands on something, and, if necessary, had something up their sleeves. Don't take us wrongly. To be fair, there was indeed something eerie about the interpretative turn in the understanding of management as "designing, controlling and developing purpose-oriented social institutions." But that was afterwards, and it only followed the logic of cultural studies and scientific research. When finally the Cold War ends, as it has for some time now, habits will most naturally continue, and the blurring between verification, facilitation and control reach its most refined professionalization and its most amateurish hybrid form, involving those

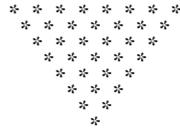
interested in non-professionalized management. In fact, professionalization and amateurism will blur to the point of sheer and happy indistinction. We are, in the end, a pedagogic institution, are we not?



In the physics class they've become outraged by the enthusiasm of their companions in chemistry. We can hear their incredulity, be it in the shape of self-proclaimed essays or in the partiality of their silence. They are causing such uproar they will probably be late for understanding. Some glass balls and experimental tubes have, so we heard, already cracked and splintered across the linoleum floor. It is of little matter whether they've been purposely broken or if it was solely a gush of wind, an open window – vibrations always emerge from something at some primordial moment, the origins of which are absolutely lost when confronted with the suspicion of effect. We, in contrast, are ready to embark and fly across the ocean. We are in advance. We are eager. Exhilarated. But no less self-conscious

for that. We hear, from safe sources, how across the Atlantic spontaneous outbursts of practice are resonating in larger social fields: they dress differently – no white collar – and talk of the body and sexuality (as if in social management), of human and inhuman as indistinct, and of the land as environment, of a biosphere, all of which are justified by cybernetics. We have exchanged recordings, exercises in collectivity through computer stimuli, and feedback. Time spreads fast and brings us together sooner than expected; we have a distinct temporality (relational) in front of us. We have done our homework research. We understand how they are scattered, discordant, fragmented visions, yet we know the practicality of their cohesion, their connectedness. Finally, we meet up and call each other friends. But we are reasonable, we know there is something else running deeper here, something more proper to the discussion we are intent in continuing, and more practical in content, more profitable and far-reaching in shape. We present ourselves free of ideology and listen to theirs. We live the most memorable moments of togetherness. They read us from reference books and quote Whitman at night and Muir by the day. In exchange, we try and describe them the view from the Alpine mountaintops, our heuristic research program, our modeling scheme, the logic of systemic management, but we are faced with difficulties in translation, and muteness in the details. Still, we exchange experiences in the ways we have found to be possible and agreed on being the most

natural. We are content, though comfortably disturbed. We demystified each other in mutual processes of recognition. We will take much from this encounter back home. Some have even expressed the will to be transferred to the Institute, and, in fact, join our research – a transfer that in 1972, for a brief moment of collectivity, will indeed happen.

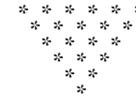


He walks farther. I cannot reach him. We cross the Berkeley campus immersed in a mythical trip gone astray. He has a long wide bushy beard covering up his white collar neck.



We drive off into barren lands, where the sun dries our skins, ours red tanned, we breath unaccustomed (accustomed as we are to Alpine mild springs), the van bumps, the dust rises in a cloud of turbulence, we exchange sweat, compressed in warmth, as if blood

brothers, we drive off into barren lands. Until we sight handmade Bucky domes built of scrap and colored glass, “for how long have you settled here?” germanically asking, “Six months,” they reply, “and going...”



In time, they will disperse. We fly off to MIT, to meet up again back in St. Gallen in 1972, discussing Jay Forrester’s tendency for equilibrium, or the *Limits to Growth*. They will protest outside against order out of systemic scenography. And we will be with them, though not necessarily on their side – in advance of an heuristic chaosophy.



As much as we hide the feeling from each other (and mostly from our hosts), there is great sincerity in our expression. Their positions and positionings have not surprised us, yet they are distinct from our endeavors, at least for now. Intrigued by the confluence of their insights with the urgency of their claims, we too admit traveling in *Spaceship Earth*. But while we will recede

back to our valley, to schematize knowledge and exchangeability, where temporality is hybrid, yet slow, and investment unnoticed, and where bridges, dams, buildings and engineering technology discreetly design a landscape we call ours, they will keep struggling openly, bridging mind and matter, thought and action, in ways we can only do abstractly. But we know how abstraction is form, a principle of metamodelization. They have built a lifestyle, and consequently shaped subjectivation through the body and a doctrine. We, in contrast, have a distinct approach to visibility – we are, after all, Swiss. We are not fashioning life and creativity, but rather managing it, fostering it, predicting its trends. Again, we share a common ground, past a mechanistic dialectic. But while we might both be occupied with processes of metamodelization, they will keep busy with deconstruction, which we regard as unnecessary – even though we grant them credit for their efficacy in creating lifestyles – and we writing manuals for the practicalities of the future, for when their voices have receded, along with their left-wing politics, taken by the banality of ideologies too often quoted. While they will be looking back, to historicize and untie the knot with an imagined modernity, we will be looking forward, speculatively speculating. It won't take long. In a decade from now they will have gone, not underground but to the remote blind spot of a society enthralled by profit. Forced to introspection, they will outgrow their statements and write their finest manuals, while we will be

writing our own. When the celebration has passed and the explicitness of such greed abated, we will be there for them and for the banal form of their ideology (in an incommensurable world of plenty), to hold their hands and pull them upwards differently onto the unnoticed field we have by then laid as an irresolvable offering to society. We are comrades; it is just they who don't know it yet. Some of us are just the same.



This recurring feeling of being appalled out of isolation comes often, and more often since we have come back. It is worse for those foreigners voluntarily stranded here. Yet 'isolation' is the wrong word, it should rather be termed as 'discretion'. We live amidst bankers and pharmaceuticals, and even though their logos may be identifiable across the globe, we are forgotten by the majority. Note, I say forgotten, not unknown. We are exemplary of a practical connectedness useful to all – though only in the logic of the offshore, that is, of invisibility. The most connected of islands called Switzerland, a country of quality goods and specialized commodification, excelling in sectors such as the molecularity of jurisprudence, or the intensity of national and international relations. Paradoxically, our products are neither purely speculative nor material. Rather, and

more properly, we speculate on the conditions of materiality. And just as with the temporality of clocks, the chocolate and the textiles, the laboratories and the exceptionality of our safe vaults and digital armature, so we are proud of the professionalism in our discretion.

* * *
* * *
*

Soon enough I am reminded of the Chicago School of Economics. We are running, jogging, and although the winter shade has given place to the shyness of alpine Spring, we are mistaken and overdressed. Through the branches and leaves, a slight veil of mist, we can see the University's rooftops as if schematized, and further down in the valley St. Gallen as a collection of abstracted figures. The air is heavier here, and while he speeches on the theme, a small dose of futurology and an unsurprising assuredness, I cannot but puzzle about the reason behind the sanatoriums nearby. Another war could come, as it often comes (in the shape of an Amerindian warrior) and still the Alps would keep on with tradition: facts of war reduced to numberings; refugees, indistinct to the eyes of the State between the sick, the bankers and the intellectual elite; crash crisis and crisis politics administering the poverty of charts in colored rhythms directing flows. Switzerland welcomes you, silently directing each to an attributed mountaintop

sanatorium. This is how the University began, and more particularly its institute for managerial think-tank thinking. I think of... What is he talking about? Standing in the shade, my shoulders shiver under the sweater I have desperately put back on, distracting me of the conversation. He talks of world mechanics, but not in the way we usually experiment here. It is something about Chicago, and the Chicago School, it plows stronger than ever, as a center equal, but different from ours. "We have no business with geopolitics," I retort, even though we are graduating in new, oblique forms of cartography. "We specialize in the entanglement of projections, derivatives and trends," I tell him so. And he acknowledges it, yet still forces on with the obtuse idea he has for sometime now fixed in his head and which has more recently pressed its way outwards to consciousness and a practicality beyond chance. He might just ask to be transferred to Chicago, he says.

* *
*

In process, just coming and going, managing time to the temporality of speculation, we are. I will wake and still Richter will keep pulling me in, then with the most unnatural oozing vibration, a vibration most likely caused by the drowsiness of sleep rather than by any painterly quality I would not be capable of appreciating. The mountaintops are reflected twice over from this side

of the windowpane, and as quickly as I perceive them, we foresee the installing of Baumgarten's piece and are inadvertently reminded of Amerindian lands and animistic rhythms – we have an Amazonian bronze outside [Carl Burckhart; *Amazone*, 1921–23], and it won't take long to have a mythified native fisherman in the library, under the dome [Mimmo Paladino; *Giardino Chiuso*, 1982]. We cannot help but remember running our American meeting backwards, recollecting the details of such ferocious, yet pacifist, environmentalism, quickly turned protectionist, which we found then so strange, yet so appealing. Despite the empathy, we came back wondering in doubt if... Self-evidently it will please the majority, and self-evidently it will be right, even if for misguided reasons. It is not environmental preservation that will shape our understanding of economics as green, but rather non-dialectic, non-naturalized ecosystems. Somewhere in Amazonia they're always finding a new unknown tribe. By cutting one last branch of tropical leaves, *whoa!*, they set those Amerindians free of isolation. A gush of tropical wind, some claps, some birds, an Iberian disease, a native dies while another asks for a cell phone, some glittering piece of technology, and becomes a Jesuit, all reduced to a question of barter. Despite the language barrier, at a given moment they begin to understand each other, and through communication and anthropological study we too, up here in the snow covered mountaintops of Switzerland, will finally begin to have a clearer view of relative certainty

and enmeshed comprehension. At each cutting of branches and trunks – sideways goes the large leaf – so those ingrained modernist partitions will start falling, not due to preservation – which we will equally foster – but out of knowledge of systemic relationality. Past modernity, we are accustoming New World natives back to the Old World. It took us a minimum of four centuries and it continues. Green is the color of contemporary relations and animistic endeavor – no longer in reference to the dollar, but to pure abstract economics.

*

The wind has started to blow coldly from the mountaintops again. From the study room one can see the mountains adding on into infinity, crystal clear across the windows and layered with the reflection of the newly arrived students. A strategic sport unfolds in the field outside. We have no need for a vision, for we are finding new senses in social communication, interaction, and valuation. We are building something no longer post-, but idiosyncratically inside out; something finally folded and absolutely onto itself, yet never completely inclusive or managerial. And it is thus that I find the paradox of our mirroring pavilion – long distance calling to Chicago, Frankfurt, New York, Hong Kong, São Paulo. A mirror, much less a series of mirrors composing a façade, does not belong to corporate gold, ivory

towers of flowing chance crowned by antique temples of late, reflecting back the illusion of transparency in systemic diagrammatics while obfuscating a tool of and for occultation. It has left us all confused, dazzled, an architectural hoax set beyond a dialectic of abstracted inside outs, beyond illusions of participation and exclusion through visibility and self-reflection. Rather, it has become for us now – as a fact, I now realize, I am contributing for its realization as such – the most contemporary of objects, that is, of surfaces: a substitute for multiplicity. A surface of glass, whether mirrored or not, does not make a plane. It does not give us what is ours. A reflection. It is not a matter of corporation(s) or infiltration, invisibility, abstraction or closure, but rather one of (in)corporation(s), corruption and transgression, penetrability leading to projections, infinite unfoldings of personal metamodelization, ideation, exchangeability. We are headed in cycles, devouring ourselves, devouring all, and creatively quantifying it.

A Numismatic Faustian Tale

To Mariana Silva

It took its time. But as predicted, coming from neighboring regions, carried by pilgrims and precarious migrants, small sized rectangles had finally begun to circulate. Even if by now customary, as of yet these had not been accepted as objects capable of economic exchange – though it was self-evident how such exchange was their purpose, and most evident still how these would soon start to be accepted in the region. As citizens of a minor State, they could feel a pressure on their citizenship, as if an atmospheric pressure were falling, now and with increased intensity at each passing day. A wave of rectangles was spreading across the territory. Some examples were rather marvelous, hand-drawn, colored, with flashes of superposition and layering and ink tones enmeshing with each other. One had to acknowledge it – and many did acknowledge it, making their wish the monopoly of what was yet to come: bright colors (instead of black and white); simple graphics (exchanged by the trace of virtuosity). Some shouted; yet the majority of these aesthetes kept silent, glooming to

themselves, even in the midst of an intense fight, of intense decision making, their eyes flickering with imagination and beauty. The consequence was a furious debate.

§

The factory doors had by now closed, although they'd been left open for the incidental latecomer, strolling in from the outside, lost and confused by the nature of these afterhours. There were evidently some distinguished guests present, and other commonly known workers missing – certain agitators proven valuable, if not vital, to such congregations. They had started, startled nonetheless. “We must struggle for contents and only afterwards for form,” spoke an organizer, sliding in and forcefully crossing the medium-sized crowd that had gathered. There was, however, no certainty in the success of such process, not even in such chain of thoughts. His voice attempted a deep resonant tone supposed to fly over the heads of all those present and bounce back from the walls, a physical whim that would only contribute to the strengthening of the shout, he knew, but it was precisely strength that failed him midway in the sentence. It dropped. Only the first row responded, cacophonous and outwitting, to the spokesperson in charge. “Ah,” notes waved in the air. It was a convivial moment, but no less serious for that. And yet, “...Wait, but these differ somewhat from the previous examples, wouldn't you say?” retorted one to another, grabbed and pulled to center stage. “But note the blues,

note the blues, and the oak trees repeating, and the generalized lumber, these are figures continuously reappearing at regular intervals. We wish to see ourselves more.” And on this they all agreed. Once assembled by oral scrutiny, such proposals, and they were plenty, were noted down on a glass panel purposefully held vertical, though horizontal in length and framed by wood and metal. Further away, some talked amongst themselves, making the noise rise – the large glass contributing to the reverberation and the representation of shouts. On the glass, small-sized childlike rectangles were drawn, filling the surface almost to the edges with embarrassingly uneven, if not grotesque, strokes of gummed pastel. At this late point in the meeting, the majority had been scribbled, but a reasonable quantity had been left blank for further discussion or simple approval from those latecomers – the purpose being a consensually arrived at final result, that is, the most likely, liked and likeable candidates. There were figures and abstractions, abstracted figures and figures of abstraction, accompanied all around by carelessly handwritten notes, sentences and statements, occupying the orbit of most of the imaginary rectangles. Nearby, hanged pinned to the wall a selection of foreign banknotes.

§

He had been called in at a late hour. As a typographer, he knew, it did not suffice to stay at the workshop, eccentric

as the moment was. Rather one had to join the discussion voluntarily, to be a collaborator, a comrade even.

§

Even though distributed heterogeneously throughout the large restaurant hall, at least three to four groups could be substantially defined. In other words, in number sufficient to create distinguishable crowds, either by location, proximity, or action. Close as they were to each other, and reshaped at each movement from those walking around, the frontiers between each group were nonetheless diffuse. These were, clockwise from the entrance: those grouping around particularly discursive tables, distributing either foreign notes or scarce examples of already locally produced money; those dispersed over the remaining tables, curious about the discussion but, out of shyness or doubt, withdrawn and non-participating – these should thus be regarded as a disperse group, yet contributing to the overall room dynamics; those at the bar, about to be joined by others running to the cafeteria with a feeling of not being sufficiently heard or represented – the latter constituting a temporary, though faithful, subgroup; and those who had just entered the restaurant's doors, standing there for a short while with the outside winter on their shoulders, inspecting the sociogeographic dynamics of the large room before venturing into the discussion under glass ball lighting, to be rapidly and randomly diluted in the groups minimally defined in the scope of this paragraph.

§

The workers grouped more orderly than would have been expected. Inspecting carefully the exhibited foreign bank notes, they would comment on these from time to time, turning quickly to the audience that had gathered inside the factory. They redistributed ideas and possibilities, forcing proletarian wishes on the transparency of the glass panel. At each successful vote, some scribbled impetuously on the glass – a third hand rapidly coming to finish the improvised drawing; a virtuoso, obviously.

§

It began as an informal meeting, but by now the habit had spread and the restaurant would fill daily, as if finally turned into the large salon it had aspired to in other, more prosperous times. Now that habits had changed and due to the circumstances rapidly grown out of proportion – a situation most surely backed by the free time of the unemployed and the dilettantes – the restaurant would fill not only with the usual high society costumers, but also with a heterogeneity of citizens ready or curious enough to embark on the discussion of contemporary matters, local and foreign, as well as on the daily judging of an object until recently sufficiently ignored beyond its use, that is, its exchange value. They had become conscious of matter, and subsequently aware of the potential of details. It was no coincidence. The restaurant had always been,

even before the crisis, a most customary place. And as a place of passage, it served as the most obvious location to digress on the notes in circulation, either those foreign samples brought from out of town in a myriad of ways, or the money already produced locally. The restaurant had simply opened itself to others. It had adjusted itself to the circumstances, out of necessity rather than will, although these days those feelings tended to dilute, and it now welcomed the most diverse manners and stereotypes. Based on taste, tradition and a whatnot of futurism, the guests would digress endlessly about common matters. The commotion was such that the idea had even caught on within the restaurant staff. They were preparing their own autonomous currency, yet keeping it secret for the time being, unsure as they were about the most adequate process of decision making – no matter how much the comfort, the restaurant was still their property, not their guests. Against what they overheard daily, they imagined Viennese Secession instead of picturesque caricature or French Deco. The typographer was summoned, and given his silent remarks they knew such inclination wouldn't go down well.

§

“They have ceased production.” Some had to laugh. But it continued. “As you can see from the collection we have gathered, the state bank, even its regional branch, has left it to us, here, to seize our time of production by any means and in any form necessary.” They marveled the

colors, and the novelty, more so than the urgency and the chance fallen on them. Some were indeed satirical, and, as always, this pleased the crowd: a certain form of critique, impossible up until now, but practiced before in arrayed variety, fond of the people, amusing the people, but strategic to the bourgeoisie. There were differences within the gathering crowds, yet there was also a certainty in the unexpected exchangeability of roles and intentions. Now that they were isolated, condensed and concentrated in their own locality, leaving the state outside, vacant and unreachable, for a couple of hours or a decade in years, people were increasingly taking to the streets, confidently leaving the cafes and taverns, the factories and local business, racing to the typographers and workshops, or to those special self-reliant industries equipped with the most advanced mechanic means of reproduction. In fact, not even the regional apparatus made much sense now that the model of a central government had been broken, its competencies distributed. Evidently, a clash was expected, but for now the dismemberment ran its course harmoniously. The notes they had collected, now scattered throughout the various regional circles, testified to an overlap of distinct spheres of power: from the ones authorized by the State, to those produced by regional decision-making and approval, and, even further down the now diluted hierarchical ladder, the ambiguously authorized prints made at the citizen level. A comment was nonetheless necessary, and it was quickly clarified by an authoritarian, yet delicate, voice raging out of the

administrative meeting that had gathered in the town hall: the problem was not so much reproduction, but rather the production of the above specified authorities. But alongside it, it was the awareness – someone said it was a word badly chosen – that if such production was the competency of local citizen sites, mostly those juridical, industrial and commercial, it was a new libertarian governance that traversed all of them. These were: the town hall; factories and workshops; stores and restaurants.

§

Why not the town hall then? They were confused: miles away from any decision-making site, close to the border as they were, no one actually wished them, even though they had changed sides so many countless times that by now it felt as if they, and this part of the country (but of which in fact?) existed solely to intermittently cross the frontier. If it were so, a fate diagnosed as much from the outside as from within their own community, they would then clarify such role and project it discursively onto the rectangles about to become theirs. The questions were thus: which country? which brotherhood? an allegiance to whom?

§

The rectangles came into town in all sorts of materials and supports, shapes and sizes. It would be a drastic decision which format and support would be theirs. Compensation

would come from singularity – some knew this in advance and discreetly made their moves. They could produce plenty, design plenty, choose different palettes of colors and choose distinct characters – all signifiers taken from the tradition and the modernity of each side of the border. They had a whole set of notes to make their own: from the lowest to the highest purchasing power. They knew that even the highest wouldn't allow them that much.

§

They had been discussing for hours, yet consensus was reached faster than expected, pushing the murmur of discordant voices to the sides. Given the small size of the community, consensus had not really come as a surprise – in the governor's eyes, there were only a selected few obvious regional iconographies to choose from. Yet, even though agreement on iconography might have proven feasible, this was not the case with the statements. What to say and, in fact, to whom to address it? The more the production broke with the given hierarchy, the more they had to acknowledge the caricature they made of their own citizens. Not that they were shameful of the fact, that is, of their failure as political representatives to portray their own kind. It was rather the opposite: the more their citizens, industries and commerce, were given the means for autonomous representation, the more the incapacity of a single representation became evident. They knew not of or to whom they spoke, nor did they know how to manage

those given social spaces. This produced the utmost confusion. Remarks were thrown from the fringes and quickly dismissed, even though the struggle, while others were dying there and then, rebuked, retorted, reclaimed from the echo and resonance in the room. Invisible ghosts of ideologies claimed, to utter, to shout, to fail and submerge. These would flow in the interstices, crowded, unnoticed, to live up and resurrect with a feeling of familiarity: an old friend gone and returned. The City and the State.

§

Ripped from the other's hands with a strength unimaginable to those around. He had even surprised himself, yet had done it imbued with as much fury as with relief – the confusion between these feelings sufficed to justify the singularity of the moment. He had not imagined himself thus, a town represented in like manner, his town, his family, his compatriots, this restaurant. Who had had such an absurd of an idea? An impostor, a confused mind. He had lost sight of who as soon as it had been positively shouted from the bar, more precisely from some rows behind the red haired bearded fellow unconvincingly suspected of being guilty. He was ready to jump on the fellow, and this he did.

§

If one were to represent the local production, a reddish orange tone would have primacy, salad green the least, spotted here and there mostly, although randomly, against a dry grayish purple remarked by some as particularly appealing to the eye. Rectangles were being printed in a rainbow of colors, and the disagreement between the different workshops in the region, or among the regional self-portrayal, was plainly evident. Meanwhile, the local community fell apart, allowing for a nationalist faction to force through – although it was unclear to which country it should refer.

§

Decisions were being made, and votes voted through. He had pushed his voice at a high enough pitch and struggled now with his hoarseness, and still he had managed to push forward his own votes, stubbornly and with utmost efficacy, even if these had by now started, for the physical reasons explained above, to lose ground. Some content had nonetheless managed to arrive at the glass. He was satisfied, in the hope that it would hold on for a little while longer, competing up the ladder of exclusion that had just started to run its course. Meanwhile, he bullied, acted out his influence from ear to ear. Though his voice had begun to fail him, his will had not. Now that the meeting had reached its climax, different strategies were asked for.

§

At a corner, pushing his way to the bar, he felt as if he had lost, erased out of the image he had created for himself and equally for others. Nothing remained of his contribution. He was a citizen, he mumbled to the ironic content of an eavesdropper, he had his rights as much as he had his competencies. He had showed up after seeing the leaflets – they would be money by now, multiplying their utility and function, piling up their messages as if a kaleidoscope. A good child of the county, he even roared out from his timidity, and what now? He had lost his representation, but more importantly, something deeper within pertaining to himself only, he knew not how to express it, sensing at best that it had been born from his personality, from his will. Finally, psychologically curved and evidently (to those sitting close by) muting the vocalized sound waves of the restaurant – the glass and mirroring made the laughter and the shouts resonate loudly – he arrived at the bar, only to be consoled. “You need not worry, there will be more of these gatherings to come, they are already talking of a sequel now, they have in fact become customary. And these choices, these will not last they say, and who are we not to believe it? At each following meeting the crowd will diminish to those few keen on making their views passed through, and there and then, if you wish, you’ll have your chance. And in any case, there’s always the option of disguising yourself as a worker, here and now, and head discreetly to the factories.” He did not

listen, but, clearly, he was talking to, or rather being talked by, a man of insight.

§

Had they, in the midst of such tempestuous commotion, lost sight of the difference between content, layout, form and that more than practical detail of the nature of material support? No. The local industry did its lobbying, without much effort or consternation though, certain as they were of the monopoly of regional production, exports and imports, extraction of raw materials and organization of the proletarian workforce. They had met beforehand, and reasonably agreed on paper and cloth. In case of a border exchange, aluminum would be another obvious solution.

§

The press spat out its proposals with automatic violence. He had received three guests in one day, all of which raging through the workshop eager for results, while avoiding two others clients requesting the workshop’s services or at least the favor to print some color tests for quality purposes. To the extent that, between the fury of the sounding machines and the erasure of any distinction in public and private space, he had by now hatched a most stubborn and unapologetic mood. He was happy though. The prints were coming out cleaner and more precise than expected. The staff cleaned them and stacked them, while

calibrating the machine with smeared brutish hands at each careless spasm. The process exemplified a professionalism soon to be commented on, and an even deeper symbiosis between his staff and the machinery. He had been unsure of this particular layout from the start. It was too loose, too formless, without composition or skeleton, yet with colored shapes certain to stain over each other, just as the frontier they had so often transgressed from one home country to another blurred to the annoyance of the community. Nonetheless, the layout had been his fault, even if the responsibility could be excused by the vertigo of requests. Furthermore, he had relied on the quality of an external example as a potential model for the intended style – it was a foreign design and it should have not been trusted, he knew, his enthusiasm had taken hold of him and commanded his judgment. And judging his machinery sufficient for the resemblance he had risked too much, he feared. Yet boxes were filling up with notes, piled afterwards at a corner to be self-assuredly shown to the respective clients, which meant the whole of the community, or at least a substantially sizable part of their region. This series had just bought them the production of further series, that much was certain, and in between the management of the workshop and his own mood that was more than could be said of the neighboring typographies.

§

They had finally reduced the possibilities to a chosen few iconographic possibilities. Evidently, the voting had been equally inclusive and exclusive. Nearer to the glass the group was growing eager for final (even if temporary) results; to follow to the factory's private printers and observe the coloring, cutouts, framing, touch, as these were expected to shape themselves in the following days. To the sides small groups debated, others meandered around, chatting, happily drinking themselves to the ground with the infatuation of gathering: a night to be remembered and long forgotten in the repetition of the necessary deliberation to the confusion of precarious years.

§

A discussion about artists rather than about art or artistry. He had felt it throughout the meeting, not loose enough, not flowing freely or argued openly throughout the restaurant's hall. Rather, it emanated, pulsing, stretching in and out at times more ciphered than others from concentrated bubbles of chit-chat carelessly positioned here and there. Out of poverty one must make prospects for the future, rather than focussing in the needs of the present with the highlights of the past. Or rather the past must be chosen attentively so that it builds up securely in the future. There was profit to make, if not visibility. One had to carefully choose artisans and craftsman shops, with equal

consideration for the local dynamics as well as to the large whole, and these they had by now done, fashioning a short list to be referred to. They had in fact thought it through, with slight refinements made afterwards, before even entering the restaurant's doors. There were some local representatives, familiar typographers' faces, waiting, even discussing, involved, campaigning, called for beforehand or present out of curiosity and rumors of daily congregation. They had not kept it secret, had not hidden it or lowered comments to murmurs when inside. It was in everyone's interests, so they thought, as morality demands and leadership proposes: judgment, democracy and representation all lumped together. In the end, it did not matter. At that moment, everyone wished for those prospects of income in sight.

§

Four scolded children with banknotes found crumpled in their raggedy pockets. A note: it is the object of economy, which was not to say it *is* the economy. To say one of its objects will suffice for the insufficiency to which it testifies. Such was the matter. At last they met: that ever present companion of trade, making its absence felt and its presence apparently oblivious to ideology, whether Socialism, Marxism, Capitalism, Modernism – who ever looked at the images in such rectangles? And yet, when taken the fresh notes from the press, the ink still moist, what strange images those foreign examples had by comparison. Those

images previously so discrete, so alien, dimmed out. Not of a different land, but of a different time, a different mind, a distinct psychology, yet the same promise or regime of ideation.

§

For what they were worth, the exhibited notes made quite a collection.

§

“In what amount will we print them?”

“What does he mean?” “We have plenty, more than we would wish for! Look at those zeros!”

Loud laughter snaked gurgling the crowded mouth as if a Chinese dragon.

“And it's bound to increase...”

Can you see the tail or have you lost track of its flaming head?

“Not the numbers! The amount!”

“What does he say?”

“The digits, the digits!”

“Not that! The production line! This series! What are you wishing for? How many are needed?”

§

At timely moments, we will print scarce editions, discreetly drawn and discreetly produced in-between the immensity of the pouring others. These will circulate unnoticed, unremembered in the time of their life and shortly afterwards forgotten due to the fleetness of their prime... Such thoughts were shared, secretly first and then lost to the realization of the rest, as if in bursting bubbles, “Ah, we could not see, could not hear you, you used too much soap. I bumped into you with a sheet of paper in hand!” From mass congregations of campaigning will to a localized understanding of speculation’s details, some had learned the mechanics of the foreign collection, others the hidden rhythms of their own community. Yet who had had such insight? They could not help but be confused: if it had not been the craftsmen and typographers themselves had it been the realization of a small bourgeois elite? The workshops produced unevenly, which, in this case, meant rigorously, and conscious of how necessary abstraction quickly turns into goods raised to the status of signature.

§

They came in in waves and in waves they parted.

§

As expected, a discussion on singularity soon erupted, they argued, where to begin pondering? Not one was not curious, not one was not intent on knowing. Was it the scarcity of a particular series? The eccentric depiction of the storytelling? Of the technique, even? Was it the voluntary, or involuntary, trace of humanity? Their flaws? No. The reason was the sincere transparency of their cynicism.

§

The room intensified under the accumulation of wishful contributors, all unorganizedly eager to comment on the suggestions of others. At the table sat the head of the workshop with two assistants for moral support by his sides – and he most surely needed it. Furthermore, they raised and lowered themselves so abruptly and repeatedly from the chairs, bending towards the table’s surface at each request or demonstration (meaning: justification), their knee joints by now hurting, a grim hidden expression, their heads disconsolate, it made all those present dizzy. “They should’ve organized beforehand,” he would afterwards say to his assistants, though he had thought it then, expelling his own community, not to say his clients – or rushing madly insane those late bloomers for love, for art, for artistry – from his office, into the streets and to next door’s typography. The chaos was such that they had by now lost track of which notes were examples of foreign printing,

which were proposals from neighboring workshops, and which in fact were the layouts they were producing. Could the population, or parcels of the local community at least, keep with one workshop once and for all, instead of continuously changing ideas and shops along with it, driven as they were by a lust for surprise and distinct models of representation? They no longer knew which rectangle should match with which layout and iconography; which story, hero or local color of choice; or even which request came from which section of society, factory, restaurant or hall. They had all the requests confused and were now playing blindly on luck for the service to be professionally delivered – though to this he did not confess. As producers, and this they confessed to each other, they no longer felt their own production; identified themselves in no manner with the array of representations they had drawn; had no interest in their place in the society for which they were producing. Yet, had they lost sight of the singularity they were occupying, or for that matter, of the singularity of their production? They kept printing, but now they knew, they would print less, and in time be solicited for the eccentricity of their manufacture rather than for the speed of their delivery. And thus the discontent equaled the will of a few, while few grew steadily to many.

§

“Look closely.” He held a rectangle in his hands, exhibiting it around those nearest and under the glass ball

lighting. “Ah!” “What coarse thing to say! Are we allowed to do it so?” / “Who says not!” replied a substitute, “We must invent our own language.” / “It’s throwing down the...” / “I’d much rather have the dandy one, it has such a French flavor to it...” We are equals not because we choose together, but because we judge together beyond hierarchy. “That seems proper, can we use it?” He was looking at the grid found within that particular specimen, the purples and greens made his eyes thwart, “... that’s too much acid, can you put it away please?” / “What did you say? Back there...” / “Look at this one, it has traveled miles, it came almost from the other border. Despite the differences in folklore it has the same spirit we aspire to.” He felt unsure, had someone stolen that mysterious note by now? They grinned. “I find that moustache quite disturbing, can we have him bolder, and with white hair? A proper Tell?”, “That’s up to the artist, you’d have to join those going to the workshops. For myself, I can only take down notes, that’s all. Moustache or no moustache?”, “White hair, please.” And bearded.

